

**CENTRO UNIVERSITÁRIO PARA O DESENVOLVIMENTO DO ALTO VALE DO
ITAJAÍ - UNIDAVI**

JAÍNE MAZZINI FLORIANO SERAFIM

**A CONFIGURAÇÃO DO PLANTÃO PSICOLÓGICO COMO PRÁTICA
PSICOTERAPÊUTICA**

**RIO DO SUL
2025**

**CENTRO UNIVERSITÁRIO PARA O DESENVOLVIMENTO DO ALTO VALE DO
ITAJAÍ - UNIDAVI**

JAÍNE MAZZINI FLORIANO SERAFIM

**A CONFIGURAÇÃO DO PLANTÃO PSICOLÓGICO COMO PRÁTICA
PSICOTERAPÊUTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso a ser apresentado ao curso de Psicologia, da Área das Ciências Biológicas, Médica e da Saúde do Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí, como condição parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Prof^ª. Orientadora: Dr^ª. Fernanda Graudenz Muller

**RIO DO SUL
2025**

**CENTRO UNIVERSITÁRIO PARA O DESENVOLVIMENTO DO ALTO VALE DO
ITAJAÍ - UNIDAVI**

JAÍNE MAZZINI FLORIANO SERAFIM

**A CONFIGURAÇÃO DO PLANTÃO PSICOLÓGICO COMO PRÁTICA
PSICOTERAPÊUTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso a ser apresentado ao curso de Psicologia, da Área das Ciências Biológicas, Médica e da Saúde do Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí, como condição parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Professora Orientadora:

Prof^a Dr^a. Fernanda Graudenz Muller

Banca Examinadora:

Prof^a M^a Kátia Gonçalves dos Santos

Professor Indicado:

Rio do Sul/SC, 07 de novembro de 2025

“... na constatação de que é na profunda vivência do caráter imediato de uma urgência, que descobrimos surpresos, a Vida na pulsação de um instante” (Souza, 2015, p. 19).

RESUMO

Considerando as constantes mudanças e as necessidades que emergem na contemporaneidade, é necessário pensar em novos modelos de atendimentos psicológicos que incluam distintas demandas e uma clientela que não se adapta a modelos de atendimento psicológicos tradicionais e não tem como arcar com os custos que envolvem, genericamente, processos psicoterapêuticos. É fundamental uma prática que esteja atrelada a ações promotoras de saúde, fomentadora de autonomia e autodeterminação onde insere-se e compreenda o ser humano como um ser sociocultural. O Plantão Psicológico (PP) é uma intervenção psicológica que atende a esses requisitos, caracterizado por ser um atendimento psicoterapêutico que não necessita de agendamento prévio e que pode ser implantado em diversos lugares. É exercido por profissionais da psicologia que ficam disponíveis para atendimento em regime de pronto atendimento e seu alicerce fundante é a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP). Este trabalho teve por objetivo geral caracterizar a configuração do plantão psicológico como prática psicoterapêutica, a partir de publicações científicas dos últimos cinco anos. Seus objetivos específicos são os seguintes: discorrer acerca da relação entre a abordagem centrada na pessoa e o plantão psicológico; identificar contribuições do estágio em plantão psicológico para a formação do acadêmico de psicologia; e descrever distinções entre os atendimentos em plantão psicológico e psicoterapia. Trata-se de pesquisa bibliográfica, realizada em base de dados científicas, referente a artigos publicados nos últimos cinco anos, nas seguintes plataformas: Periódicos de Psicologia (PEPSIC), Biblioteca Eletrônica Científica Online (SciELO), Information Services (EBSCOhost), e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS). Como resultados obtidos observou-se que a ACP ainda é muito presente no PP, mostrando-se relevante, embora outras abordagens venham ganhando espaço. O estágio em PP, apesar de desafiador, mostrou-se um espaço fértil para o desenvolvimento de habilidades importantes para os acadêmicos. Por fim, a distinção entre os atendimentos em PP e psicoterapia apresentou especificidades e finalidades próprias de cada uma das intervenções.

Palavras-Chave: plantão psicológico, urgência psicológica, abordagem centrada na pessoa.

ABSTRACT

Given the constant changes and emerging needs of modern times, it is necessary to devise new models of psychological care that understand and include these demands. This includes treating patients that often do not adapt to traditional psychological service models and cannot afford the costs typically associated with psychotherapeutic processes. Furthermore, it is essential to have a practice linked to health-promoting actions, which fosters autonomy and self-determination within its communities and understands humans as sociocultural beings. The walk-in psychological counseling¹ is a psychological intervention that meets these requirements. It is characterized as a psychotherapeutic service that does not require prior scheduling and can be implemented in various settings. It is provided by psychology professionals who are available for immediate care on a walk-in basis and its theoretical foundation is the client-centered therapy, by psychologist Carl Rogers. This study's general objective is to characterize the framework of the psychological walk-in service as a psychotherapeutic practice, it is based on scientific publications from the past 5 years. Its specific objectives are: to discuss the relationship between the client-centered therapy and the walk-in psychological counselling; to identify contributions of the walk-in psychological counselling internship to the training of psychology students; and to describe distinctions between walk-in psychological counselling and psychotherapy. This work is a literature review, conducted in scientific databases, regarding articles published in the last five years, on the following platforms: Periódicos de Psicologia (PEPSIC), Scientific Electronic Library Online (SciELO), Information Services (EBSCOhost), and Latin American and Caribbean Health Sciences Literature (LILACS). As for the obtained results, it was observed that client-centered therapy is still very present in the walk-in psychological counseling, proving to be relevant, although other approaches have been gaining ground. The internship in walk-in psychological counseling, despite being challenging, proved to be a fertile ground for the development of important skills for students. Finally, the distinction between walk-in psychological counseling and psychotherapy presented distinct features and purposes unique to each intervention.

Keywords: walk-in psychological counseling, psychological first aid, client-centered therapy.

¹Tendo em vista a origem e especificidade do PP, não foi possível encontrar uma palavra em inglês que significasse de forma direta a palavra central deste trabalho. Nesse sentido, optou-se por usar “walk-in” que se refere aos atendimentos sem a necessidade de agendamento prévio, e “*psychological counseling*”, que se refere a um tipo de atendimento único (Slive; Bobele, 2012, tradução nossa).

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Levantamento do número de artigos encontrados nas bases de dados PEPSIC, SciELO, EBSCOhost e LILACS.....	31
Quadro 2 - Discorrer acerca da relação entre a Abordagem Centrada na Pessoa e o plantão psicológico	33
Quadro 3- Identificar contribuições do estágio em plantão psicológico para a formação do acadêmico de psicologia.....	37
Quadro 4- Descrever distinções entre os atendimentos em plantão psicológico e psicoterapia.....	47

LISTA DE ABREVIATURAS

ACP- Abordagem Centrada na Pessoa

CFP- Conselho Federal de Psicologia

COVID 19- Corona Virus Disease 2019

EBSCOhost- Information Service

HULW - Hospital Universitário Lauro Wanderley

IESS- Instituto de Estudos em Saúde Suplementar

LILACS- Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde

OPAS- Organização Pan-Americana de Saúde

PEPSIC- Periódicos de Psicologia

PP- Plantão Psicológico

SciELO- Biblioteca Eletrônica Científica Online

UNIDAVI - Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
1.1 TEMA.....	11
1.2 PROBLEMA DE PESQUISA.....	11
1.3 OBJETIVOS.....	11
1.3.1 Geral.....	11
1.3.2 Específicos.....	11
1.4 JUSTIFICATIVA.....	11
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
2.1 ORIGENS E CARACTERIZAÇÃO DO PLANTÃO PSICOLÓGICO.....	14
2.2 PLANTÃO PSICOLÓGICO E A ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA.....	17
2.2.1 A escuta e a Comunicação na ACP.....	21
2.3 O ESTÁGIO EM PLANTÃO PSICOLÓGICO NO CURSO DE PSICOLOGIA.....	23
2.4 DISTINÇÕES ENTRE ATENDIMENTOS EM PLANTÃO PSICOLÓGICO E PSICOTERAPIA.....	26
2.5 PLANTÃO PSICOLÓGICO: COMPROMISSO SOCIAL E CLÍNICA AMPLIADA.....	28
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	30
3.1 MODALIDADE DA PESQUISA.....	30
3.2 PROCEDIMENTO DA COLETA E ANÁLISE DE DADOS.....	30
3.3 DIVULGAÇÃO DOS RESULTADOS E DESFECHO.....	32
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	33
4.1 DISCORRER ACERCA DA RELAÇÃO ENTRE ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA E O PLANTÃO PSICOLÓGICO.....	35
4.2 IDENTIFICAR CONTRIBUIÇÕES DO ESTÁGIO EM PLANTÃO PSICOLÓGICO PARA A FORMAÇÃO DO ACADÊMICO DE PSICOLOGIA.....	38
4.2.1 atendimentos na Pandemia da COVID-19.....	44
4.3 DESCREVER DISTINÇÕES ENTRE OS ATENDIMENTOS EM PLANTÃO PSICOLÓGICO E PSICOTERAPIA.....	47
4.3.1 atendimentos na urgência psicológica: demanda, triagem e encaminhamentos.....	49

4.3.2 Clínica ampliada e as filas de espera.....	50
4.3.3 O setting terapêutico, vínculo e a duração das intervenções psicológicas.....	51
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
REFERÊNCIAS.....	58

1. INTRODUÇÃO

Com as constantes mudanças e as necessidades que emergem na contemporaneidade, é necessário pensar em novos modelos de atendimentos psicológicos. Compreende-se como fundamental o oferecimento de outras formas de atendimento psicológico, que estejam atreladas a uma prática que compreenda o ser humano em seu contexto sociocultural, que tenha ações promotoras de saúde, fomentadora de autonomia e autodeterminação onde está inserido. É necessário que haja também a inclusão de uma população que muitas vezes não se adapta a modelos de atendimento psicológicos tradicionais (Rocha, 2019), e não tem como arcar com os custos que envolvem, de forma geral, intervenções psicoterapêuticas (Gomes; Souza, 2015).

O plantão psicológico (PP) é considerado uma intervenção psicológica que tem como características a não obrigatoriedade de um agendamento prévio, tendo por objetivo atender uma população que o procura espontaneamente. Os atendimentos são realizados por psicólogos, que ficam disponíveis em regime de pronto-atendimento, em dias e horários pré-estabelecidos (Tassinari, 2013). Tem como intenção oferecer um espaço de acolhimento e compreensão dos sentimentos e demandas que emergem, além de ter uma plasticidade característica que permite que seja implantado em diversos lugares (Tassinari, 2019).

Ele surge em um momento de instabilidade política no Brasil, onde constituiu-se como um espaço de escuta diferente do que comumente havia disponível neste período (Rocha, 2019). Foi influenciado pela abordagem centrada na pessoa (ACP) do psicólogo humanista Carl Rogers, e está ligado a conceitos como promoção de saúde, clínica ampliada e contemporaneidade (Durange; Cordeiro, 2013). O presente trabalho constituiu-se por ter o seu objetivo geral de caracterizar a configuração do PP como prática psicoterapêutica a partir de publicações científicas dos últimos cinco anos. Seus objetivos específicos são: discorrer acerca da relação entre a abordagem centrada na pessoa e o plantão psicológico; identificar contribuições do estágio em plantão psicológico para a formação do acadêmico de psicologia, e descrever distinções entre os atendimentos em plantão psicológico e psicoterapia. Entende-se que esses objetivos são relevantes e apontam para a configuração do PP, ou seja, suas bases constituintes, estrutura e como ele pode ser compreendido e entendido, desde a sua criação até os dias de hoje.

Este trabalho consistiu em uma pesquisa bibliográfica, realizada em base de dados científicas, referente a artigos publicados nos últimos cinco anos. Caracteriza-se pela metodologia exploratória e descritiva, com a análise qualitativa dos dados. Para responder os

objetivos desta pesquisa, foram adotados também critérios específicos de inclusão e exclusão, que estão descritos no capítulo de procedimentos metodológicos.

Mediante estas considerações, enseja-se contribuir não apenas para uma compreensão do que se constitui o PP e a sua historicidade, e demais assuntos já elencados, mas visa-se também fomentar o desejo para que mais pessoas realizem pesquisas a respeito do tema, com o intuito de propagar e expandir conhecimentos sobre a temática proposta. O trabalho em curso insere-se na linha de pesquisa Saúde e Processos Clínicos, tendo em vista que objetiva aprofundar estudos considerando prevenção, promoção e tratamento na saúde em sua interface com a comunidade. Envolve o olhar para a atenção primária, secundária e terciária, no âmbito privado e público.

1.1 TEMA

A configuração do plantão psicológico como prática psicoterapêutica

1.2 PROBLEMA DE PESQUISA

Qual a configuração do plantão psicológico como prática psicoterapêutica?

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Geral

Caracterizar a configuração do plantão psicológico como prática psicoterapêutica, a partir de publicações científicas dos últimos cinco anos.

1.3.2 Específicos

- Discorrer acerca da relação entre a abordagem centrada na pessoa e o plantão psicológico.
- Identificar contribuições do estágio em plantão psicológico para a formação do acadêmico de psicologia.
- Descrever distinções entre atendimentos em plantão psicológico e psicoterapia.

1.4 JUSTIFICATIVA

O PP é uma modalidade de atendimento de intervenção psicológica, caracterizado por ser um espaço de pronto-atendimento, onde não é necessário agendamento prévio para que o paciente seja atendido. Tem por objetivo atender quem o procura, no momento em que a necessidade de atendimento aparece, sendo exercido por profissionais da psicologia que ficam disponíveis para atendimento em dias e horários pré-estabelecidos. Além disso, objetiva oportunizar um momento de acolhimento e compreensão da angústia de quem o procura. O PP é uma prática que contribui para a ampliação da psicologia como profissão, fazendo com que não se caracterize apenas por atender a uma determinada parcela da população, ou a determinada modalidade de atendimento. O plantonista dedica-se a distintas esferas psicológicas, as quais abarcam elementos emocionais, relacionais e socioculturais, demonstrando uma escuta atenta e diferenciada.

Justifica-se o estudo acadêmico sobre o PP, tendo em vista as experiências que os atendimentos em PP podem gerar para os acadêmicos que escolhem estagiar nessa modalidade. O acadêmico será plantonista em muitos atendimentos, que podem acontecer em um curto espaço de tempo, lançando-lhe em um processo de aprendizagem diferenciado, que lhe gera ferramentas para trabalhar em diversos contextos e com diversas demandas, além de prepará-lo para lidar com situações imprevisíveis e inesperadas. Em termos de justificativa social, o PP se destaca por ser uma ferramenta possibilitadora da diminuição do sofrimento e promoção de saúde, que se apresenta promovendo mais autonomia nas comunidades onde está inserido. Além disso, muitas vezes é a oportunidade de acesso de pessoas sem condições de arcar com os custos financeiros de atendimentos particulares.

Em termos profissionais, o estudo deste tema encontra sentido e justificativa em voltar-se para a compreensão de demandas contemporâneas na sociedade, além do psicólogo estar apto a trabalhar com atendimentos que não estejam apenas atrelados a uma modalidade de atendimento psicológico, podendo direcionar-se a demandas urgentes e de caráter imprevisível. A justificativa científica concerne ao fato de que um estudo sobre o PP representa a expansão de um conhecimento socialmente importante. Sendo ainda uma temática contemporânea e inovadora, necessita de mais pesquisas a respeito, justificando-se ainda mais este trabalho, tendo em vista a promoção da criação de conhecimento científico.

Portanto, como observado, as justificativas são de ordem acadêmica, social, profissional e científica. Todas elas confluem para a compreensão de que com a crescente

procura por psicólogos², tendo em vista a necessidade de questões sociais de suporte e uma demanda reprimida por parte da população, ter familiaridade com o PP representa estar apto a trabalhar com demandas contemporâneas e emergentes e além disso, falar sobre o PP é uma forma de refletir sobre as necessidades contemporâneas e como a psicologia se coloca frente a isso.

²Segundo o Instituto de Estudos de Saúde Suplementar (IESS), entre os anos de 2019 a 2022 houve um crescimento de 60,8 % na procura por profissionais da psicologia (IESS, 2024, p. 2).

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Abaixo segue o referencial teórico desta pesquisa, e discorreu-se como se origina e quais as características que constituem o PP, além de serem abordados outros temas, tais como: a relação entre a ACP e o PP; as contribuições do estágio em PP para a formação do acadêmico de psicologia, e sequencialmente foram descritas distinções entre os atendimentos em PP e psicoterapia.

2.1 ORIGENS E CARACTERIZAÇÃO DO PLANTÃO PSICOLÓGICO

O PP é caracterizado por ser uma intervenção psicológica com o intuito de acolher demandas urgentes, sem intermediações e no instante imediato da busca do atendimento (Cury, 2019), com o objetivo de oportunizar um momento de acolhimento e compreensão da angústia de quem o procura (Tassinari *et al.*, 2019). É desempenhado por psicólogos que ficam em caráter de plantão, disponíveis para atendimento em local, dias e horários pré-estabelecidos, acolhendo a demanda espontânea de quem o procura (Tassinari, 2013). Tassinari (2019) destaca algumas características do PP, informando uma definição para ele. Para ela, trata-se de um tipo de atendimento psicológico que é realizado em uma ou mais sessões, sem duração pré-definida.

É um atendimento que completa-se em si mesmo, que visa atender qualquer pessoa, no exato momento da sua necessidade, tendo por objetivo auxiliá-la a compreender a sua necessidade de atendimento, e se for necessário, fazer os devidos encaminhamentos, podendo ainda ser instituído em diversos lugares e instituições. O PP surge no Brasil no momento da sua ditadura militar (1964 -1985), um período marcado pela censura e pelo medo, onde ele se caracterizou por ser um novo espaço de escuta (Rocha, 2019). Ele foi marcado por inspirações norte-americanas e pressupostos da ACP, do psicólogo humanista Carl Rogers (Tassinari, 2019). Cury (2019) destaca que o PP começou a ser delineado em uma época tumultuada para a sociedade brasileira, que estava inserida em um cenário preocupante social e economicamente.

Dentro deste cenário existia o Serviço de Aconselhamento Psicológico (SAP), do instituto de psicologia da USP, que era constituído por um grupo de técnicos e de estagiários do curso de psicologia, que deram-se conta e sensibilizaram-se com a procura da comunidade por algum serviço de atendimento imediato e menos burocrático, além de terem por objetivo diminuir a fila de espera que havia pela procura de serviços de psicoterapia (Tassinari *et al.*,

2019). Cury (2019) pontua que a psicóloga e doutora Rachel Lea Rosenberg foi a precursora desta modalidade de atendimento psicológico, e que a escuta oferecida no SAP possivelmente seria desconsiderada se não fosse Rosenberg. Ela era coordenadora do SAP naquele momento, e segundo a autora, o que a distinguia era a sua sólida formação como docente e pesquisadora. Além disso, teve diversas experiências nos grupos de encontros propostos por Rogers, na Califórnia e em outros países. Essas experiências incutiram-lhe um profundo compromisso com a psicologia enquanto profissão, tendo também muito respeito pela singularidade e autonomia das pessoas e dedicava especialmente sua atenção a pessoas e grupos mais vulneráveis.

Cury (2019) continua sua fala enaltecendo outras características de Rosenberg, destacando como a professora estava sempre aberta a novas propostas relacionadas a práticas em psicologia, evidenciando também o seu caráter inconformista e o seu desassossego - com as práticas em psicologia vigentes naquele momento - que foram cruciais para fomentar as ações inovadoras. Mahfoud (2013) corrobora dizendo que para Rosenberg, um serviço de acolhimento não poderia limitar-se a uma dimensão burocrática de inscrição e nem a uma recepção educada e respeitosa. Rosenberg possuía uma ideia clara de que o momento em que a pessoa procura atendimento é especialmente rico em elaboração.

Cury (2019) lembra ainda que Rosenberg, acima de tudo isso, era uma pessoa que se importava com o sofrimento humano em suas várias dimensões, e para quem formar psicólogos acarretava também em valorizar as vivências de seus alunos. Nas palavras de Cury “por estas e por outras razões, mas acima de tudo, em função das pessoas e das características e especificidades do próprio serviço, emergiu a semente do PP do rico solo do SAP” (Cury, 2019, p. 19). Apesar de em sua grande maioria ser caracterizado por um encontro único, e não ter por objetivo explorar ou dar uma resolução para uma demanda específica do paciente, isso não diminui a potência e a relevância do PP.

Conforme explica Tassinari (2019), apesar de a catarse estar envolvida nos atendimentos, o PP não visa somente isso. Ele tem por objetivo contribuir para que o indivíduo consiga ter uma maior compreensão de si e do momento em que vive, a partir de uma relação onde a escuta é empática e sensível, e sem julgamentos (Tassinari, 2019). Rocha (2019), destaca algumas características importantes que caracterizam os atendimentos em PP, sendo elas a procura espontânea, agendamentos e abertura. A procura espontânea refere-se à busca pelo PP no momento em que a pessoa sente a necessidade de atendimento. Rocha (2019) destaca que encaminhamentos não são proibidos e nem ignorados, mas o intuito é fomentar uma busca espontânea, onde faça sentido olhar para si, escolhendo estar em contato

com outra pessoa. A autora complementa dizendo que “a procura espontânea torna-se figura importante, pois tende a garantir esse movimento próprio de quem se reconhece e conhece sua necessidade” (Rocha, 2019, p. 63).

Sobre o agendamento, seria a não necessidade de um agendamento prévio, privilegiando a busca espontânea do cliente, conforme já reiterado neste trabalho. Porém, Rocha destaca que essa é uma prática tradicional do PP, mas pode ser adaptada, conforme a especificidade do público que será atendido, como no projeto Trilhar, que atendeu pessoas que sofriam violência de gênero, e os plantonistas compreenderam que por ser um assunto tabu, onde a maior parte da população evita se identificar, o agendamento prévio seria o mais adequado (Rocha, 2019). A abertura diz respeito à plasticidade do PP, ou seja, estar aberto a uma demanda variada, além de não possuir como foco específico o problema que impulsiona o paciente para o PP, mas ainda assim, sem rejeitar o problema em questão, tendo em vista como privilegia a escuta da experiência que se apresenta naquele momento (Rocha, 2019).

Nesse sentido, a autora complementa dizendo que “dessa perspectiva, há espaço para todos os assuntos, com suas dores, urgências, confusões, necessidade de compartilhamento” (Rocha, 2019, p. 65). Considerando o exposto, é possível compreender o PP como uma modalidade de atendimento com características e necessidades específicas, sendo a sua criação atrelada a um determinado contexto histórico no Brasil. É constituído por ser um serviço que atende a população que o procura de forma espontânea, sem a necessidade de estar atrelado a um processo de psicoterapia, ou encaminhamentos, que pode estar inserido em diversos contextos, como clínicas-escola, empresas, instituições públicas e particular, escolas, comunidades entre outros (Tassinari, 2019).

Alinha-se ainda com um olhar clínico mais contemporâneo, com reflexos de uma clínica ampliada, retirando o psicólogo do consultório para ir até onde as pessoas que precisam do serviço do PP estão. Muitas vezes esse serviço é oferecido para aqueles que não conseguem arcar com os custos de um processo psicoterapêutico, sejam financeiros ou de cunho motivacional (Gomes; Souza, 2015). Levando-se em consideração essas pontuações, cabe trazer o pontuado por Cury (2019), quando diz que existem bons argumentos para compreender o PP como uma modalidade de intervenção psicológica inovadora. Finaliza-se com as palavras de Gomes e Souza, quando falam sobre a paradoxalidade do PP, destacando que ele “vai onde o sofrimento está, busca ser auxílio e não espera ser convocado por aquele que necessita, ao mesmo tempo, em que pela própria natureza do serviço, espera a demanda voluntária do outro (Gomes; Souza, 2015, p. 173).

2.2 PLANTÃO PSICOLÓGICO E A ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

Conforme afirma Rocha (2019), o PP foi criado a partir da ACP, oriunda do psicólogo Carl Rogers. O PP encontrou na teoria humanista de Rogers pressupostos que nortearam e ainda norteiam o seu fazer, mesmo que existam outras abordagens psicológicas que buscam uma prática congênere a do PP (Mahfoud, 2013). A definição do que é a ACP transpassa a definição de uma abordagem. Ela transcende para uma definição de homem e até mesmo de sociedade. Rogers compreendia o homem como um ser livre e autêntico, constituído de uma presença ativa. Ele confiava no potencial positivo de cada consulente, pois para ele, as pessoas intrinsecamente são plenas de recursos para lidarem com situações adversas. Essa visão de mundo faz com que a empatia e a aceitação incondicional, sejam consideradas habilidades de um psicólogo centrado na pessoa (Kramer, 1997).

Para Rogers (1997) a psicoterapia não deveria ser um espaço hierarquizado, cliente e terapeuta³ deveriam estar no mesmo nível relacional. Na sua concepção, o cliente é quem sabe daquilo que sofre, então apenas ele poderá dizer quais problemas precisam ser o foco e quais rumos o processo psicoterapêutico irá tomar. “Comecei a compreender que, para fazer algo a mais do que demonstrar a minha própria clarividência e sabedoria, o melhor era deixar ao cliente a direção do movimento no processo terapêutico” (Rogers, 1997, p. 13).

Segundo Mahfoud (2013), além de precursora do PP, Rosenberg também foi uma das principais figuras a difundir a ACP no Brasil, mantendo contato direto com Rogers. Liderou visitas do psicólogo no Brasil, acrescentando a essas visitas professores e profissionais da psicologia interessados na psicologia humanista na América Latina. Alerta aos acontecimentos que indicavam novidades na psicologia, Rosenberg teve papel fundamental nos avanços da ACP no Brasil. O PP aglutinou alguns conceitos centrais da ACP em sua prática, sendo um deles o conceito de facilitação. A facilitação diz respeito a facilitar ou acentuar a busca da pessoa por atendimento, ou seja, acentuar a iniciativa do cliente em se colocar em movimento para dar resolução ou voz a sua queixa. O plantonista trabalha acentuando a tomada de decisão da pessoa, sendo um facilitador desse processo.

Destaca-se que este movimento de acentuar a iniciativa não se dá apenas no atendimento propriamente dito, mas já na própria estrutura de divulgação dos serviços, conforme aponta Mahfoud (2013). O autor explica sobre a possibilidade de estruturar o serviço de divulgação do PP a partir da radicalidade do atendimento psicológico, baseado na

³No presente trabalho a palavra “terapeuta” foi usada como sinônimo para a palavra “psicólogo”. É recorrente encontrar nas publicações de Rogers a palavra terapeuta para se referir ao profissional da psicologia.

facilitação, compreendendo-se que todos os aspectos organizacionais podem impactar na iniciativa do cliente em procurar o PP. Alguns exemplos seriam a discricção envolvida por parte de quem atenderá os pacientes na recepção, a forma como a sala de espera é organizada, e o preenchimento das fichas de inscrição somente depois de o encontro ter acontecido.

Dessa forma é possível construir estruturas que funcionem a favor do processo do cliente, mesmo que muitas vezes a aliança terapêutica ainda não tenha sido iniciada (Mahfoud, 2013). Ainda nesse sentido, não só a estrutura parte do princípio da facilitação, mas o próprio psicólogo, compreendendo-o como o facilitador desse processo, quando este torna-se consciente do seu papel e cria estratégias para que a facilitação aconteça, cabendo propiciar ao paciente a expressão plena e autêntica de si (Tassinari; Durange, 2019). A radicalidade é um conceito chave quando se fala em PP e a ACP, pois refere-se a este encontro único que acontece no atendimento. Além da própria característica do PP de ser constituído, na maioria das vezes, por apenas um atendimento, a radicalidade diz respeito também a potência desse encontro, pois conforme aponta Mahfoud (2013), a consciência de que existe apenas um encontro pode ser fator de mobilização e intensidade do atendimento, haja vista a limitação.

O autor destaca que não se trata em colocar um limite no atendimento, mas o entendimento que o processo se dá exclusivamente naquele momento, não havendo garantias de um retorno, provoca no psicólogo e paciente o ímpeto de se dedicarem de forma mais efetiva ao processo. Além disso, conforme pontuam Tassinari e Durange (2019), a radicalidade do encontro diz respeito a essa procura no momento da queixa do paciente, privilegiando o atendimento no momento em que a necessidade se apresenta. Mahfoud (2013) ainda destaca que outro fator importante que faz parte da radicalidade é o acolhimento, pois fala-se desse momento em que a pessoa é acolhida no momento da sua busca espontânea, no momento em que deu-se conta de sua queixa e procurou atendimento.

Pensar no PP a partir da ACP, é compreender que existe no ser humano uma tendência que o direciona a potência, algo que o impele para o desenvolvimento das suas potencialidades. Isso faz com o que o plantonista, sob o prisma da ACP, não tenha um enfoque sobre uma patologia ou problema, mas que enseje um encontro onde a pessoa consiga entrar em contato com as suas capacidades, e encontrar por si mesma qual seria a alternativa ideal para a sua queixa (Durange; Cordeiro, 2013). Os autores ainda fazem alusão ao crescimento de uma planta, que dentro de sua semente guarda o potencial para transformar-se em uma árvore, tendo as pessoas um processo similar, sempre impelidas a tornar-se completas.

Outra contribuição importante de Rogers foi o chamado contato casual, que consiste em uma escuta diferente da psicoterapia ou do aconselhamento, onde não existia a necessidade de um *setting*⁴ terapêutico para que uma escuta qualificada pudesse ser oferecida, e onde variáveis como tempo e espaço físico não fossem determinantes para que houvesse um encontro potente e autêntico (Tassinari; Durange, 2019). Rogers trabalhava com pessoas que haviam retornado da guerra, e começou a se dar conta que a compreensão daquele sofrimento poderia acontecer em qualquer lugar, como em jardins, praças e lanchonetes. Consistia-se em um aproveitamento de uma conversa casual, onde não se tinha por objetivo resolver uma demanda, mas oferecer uma escuta atenta, calorosa e qualificada a quem se aproximasse (Tassinari; Durange, 2019).

Tassinari (2015) continua dizendo que Rogers deu-se conta que os chamados contatos casuais ofereciam três benefícios para as pessoas: o primeiro seria a libertação emocional, que funcionaria como uma espécie de catarse, onde a pessoa dá vazão a emoções e sentimentos reprimidos, permitindo-se senti-los. O segundo seria a oportunidade de esclarecer essa situação, ter pensamentos mais racionais, realistas e compreender melhor o que aconteceu e a si mesmo. E por último, o terceiro benefício seria o contato casual, ou seja, um contato onde não houve um agendamento prévio, mas que poderia gerar um incentivo para que a pessoa procurasse outro tipo de contato ou encontrar alguma forma de terapia ou aconselhamento.

Tassinari finaliza enfatizando o papel de Rogers, quando diz que “estas reflexões de 1946 me permitem afirmar que Carl Rogers foi o precursor do Plantão Psicológico!” (Tassinari, 2015, p. 12). Tal como pontua Rocha (2019), a ACP permite que o PP carregue um olhar não apenas para as problemáticas trazidas pela pessoa, mas também para o desenvolvimento das potencialidades que ali se apresentam e que são inerentes a todos os seres humanos. Esse encontro se dá a partir de uma atitude facilitadora, estabelecida entre psicólogo e paciente, onde os pressupostos da aceitação positiva incondicional, congruência e a compreensão empática são norteadores para a criação de uma comunicação efetiva e autêntica. A aceitação positiva incondicional, consideração incondicional ou ainda aceitação incondicional, acontece na relação entre psicólogo e cliente. É a consciência e aceitação de toda aquela complexidade que está presente no indivíduo. “Significa uma aceitação de suas atitudes no momento ou consideração pelas mesmas, independente de quão negativas ou

⁴O *setting* terapêutico pode ser entendido como um lugar dinâmico, permeado pela relação paciente e psicólogo, onde se estabelece uma prática psicoterapêutica (Pechanski, 2015; Rogers, 1994 apud Brito *et al.*, 2020). Além disso, a palavra em inglês pode ser traduzida como cenário ou ambiente (tradução nossa).

positivas elas sejam, ou de quanto elas possam contradizer outras atitudes que ele sustinha no passado” (Rogers, 1997, p. 38).

É um conceito que se interliga com os conceitos de confiança e liberdade. Quando o cliente sente que está em uma relação terapêutica onde pode sentir qualquer sentimento (desespero, angústia, raiva, frustração, insegurança), começa a compreender a si mesmo, e dar-se conta que consegue conviver com aqueles sentimentos, que não precisam ser destrutivos ou estrangeiros de si. Compreende que são sentimentos que fazem parte dele e os integra. O cliente começa a ter mais confiança em si mesmo, a partir de ter experienciado uma relação onde foi aceito de forma incondicional e assim pôde sentir-se plenamente. Ele não sente mais tanto medo das suas reações emocionais, e caminha para um processo de liberdade, de “tornar-se quem ele é”. O psicólogo aceita essa complexidade, confia e vê potência no cliente (Rogers, 1997).

Já a congruência ou autenticidade, diz respeito a “tornar-se quem é”, ou “tornar-se pessoa”, um conceito trazido por Rogers, a partir da filosofia de Kierkegaard. Para Rogers (1997) os processos envolvidos na ACP podem gerar uma mudança na percepção que o cliente tem de si mesmo, tornando-se mais realista e mais semelhante à pessoa que gostaria de ser. Ele valoriza-se mais, torna-se mais autoconfiante e autodirigido. Esse movimento propicia uma melhor compreensão de si mesmo, onde ele se torna mais aberto a suas experiências, reprimindo-as ou negando-as menos (Rogers, 1997). “[...] A psicoterapia (pelo menos a centrada no cliente) é um processo pelo qual o homem se torna seu próprio organismo - sem deformação, sem se iludir sobre si mesmo” (Rogers, 1997, p. 116).

Quando pensa-se na ligação entre o psicólogo e a congruência, pensa-se em este ser de fato aquilo que ele é. Sem estar representando um papel ou uma figura idealizada (Rogers, 1997). Esta parece ser uma premissa simples ou óbvia, mas é necessário compreender que Rogers estava inserido em um contexto onde as abordagens hegemônicas postulavam que a postura do terapeuta precisava ser distante, imparcial e pedante (Kramer, 1997). Segundo Rogers (1997) a terapia apenas terá êxito, se na relação terapêutica o psicólogo ser uma pessoa unificada, integrada e consciente, ou seja, congruente. O próprio termo congruência foi escolhido por Rogers para designar a combinação entre as palavras consciência e vivência. Já para o paciente ela diz respeito a este tornar-se quem ele é.

É necessário que o cliente rompa a incongruência, entre a experiência e a consciência, para que encontre a congruência. A compreensão empática, outra condição importante na ACP, refere-se à capacidade de sentir os sentimentos do consulente, como a angústia, o medo, a confusão, como se fossem sentimentos do próprio psicólogo, mas sem que eles se

misturem com os seus sentimentos. Rogers ainda destaca que não bastam que todas essas condições existam no terapeuta, é necessário que em uma certa medida, isso seja comunicado para o cliente (Rogers, 1997). “Captar o mundo particular do cliente como se fosse o seu próprio mundo, mas nunca esquecer do seu caráter de “como se” - é isso a empatia, que surge como essencial no processo terapêutico” (Rogers, 1997, p. 327).

O autor continua pontuando que é só quando o psicólogo compreende o quanto os sentimentos e pensamentos parecem tão terríveis, fracos, sentimentais ou bizarros, para quem os sente, que a pessoa sente-se livre para explorar toda a sua complexidade, mesmo que se depare com situações dolorosas. Apesar disso, para Rogers (1997) o principal motivo da mudança é a tendência atualizante ou auto-atualizadora, que diz respeito a essa tendência inata de busca por desenvolvimento e crescimento. Apesar de ser necessário que ela seja trazida à luz ou motivada pelo terapeuta, ela é natural ao ser humano. Ela define-se por ser o movimento do organismo em percorrer diversos caminhos que culminam no crescimento e no desenvolvimento das potencialidades (Rogers, 1997).

Rogers (1997) acreditava que em um processo psicoterapêutico adequado, a tendência atualizante aconteceria, saindo do plano potencial para o real. Segundo ele, isso se torna evidente na capacidade do cliente em compreender aspectos de sua vida e dele mesmo, que lhe causavam sofrimento e insatisfação, que escondeu de si mesmo, devido a natureza ameaçadora desses aspectos. É possível compreender que os conceitos da ACP se interligam, e Rogers não fala apenas do processo do cliente, mas também do terapeuta. A ACP é a base que constitui o PP, e apesar das constantes mudanças, ela ainda norteia o seu fazer.

2.2.1 A escuta e a Comunicação na ACP

Independente da abordagem teórica utilizada ou do contexto onde o psicólogo está inserido, a escuta estará presente na sua prática. A escuta empregada deve ser diferente da encontrada no dia-a-dia ou a que é compreendida pelo senso comum. No livro “Psicoterapia e Relações Humanas: Teoria e Prática da Terapia Não-Diretiva” (1977), Rogers e Kinget (1977) explicam que o primeiro passo na psicoterapia é escutar, e que escutar de forma terapêutica é algo muito difícil, que precisa de muita dedicação, e que saber escutar é uma habilidade essencial para um terapeuta.

É importante destacar que na terapia não-diretiva, o papel do terapeuta é refletir o pensamento do cliente (Rogers; Kinget, 2019) e para que isso aconteça, de forma efetiva, é necessário que o terapeuta tenha desenvolvido essa escuta habilidosa. Rogers e Kinget (1977)

ainda destacam que mesmo o tema mais trivial trazido pelo cliente, deve ser escutado com atenção e que o foco dessa escuta sempre será o cliente, o seu mundo, os seus pontos de vista e não os do psicólogo. “Todos estes aspectos, implícitos ou explícitos, vêm naturalmente ao espírito daquele que se esforça por escutar em função do interlocutor, não em função de suas próprias hipóteses, necessidades ou inclinações” (Rogers; Kinget, 1977, p. 56).

Segundo Rogers e Kinget (1977) quando o cliente entende que está sendo ouvido de forma genuína, sentirá-se mais confortável para falar sobre aquilo que lhe aflige e estar mais presente no processo terapêutico. Ele compreende o papel do psicólogo e coloca-se no papel do correspondente. É importante destacar que os autores pontuam que essa escuta está atrelada a uma atitude, que envolve a postura corporal do terapeuta e as expressões faciais, por exemplo. Quando essa aparência fisionômica está presente, o paciente compreenderá sem dificuldade que o terapeuta está o ouvindo de forma genuína, pois todo o seu organismo (órgãos do sentido, postura corporal, expressões fisionômicas) estão presentes para estarem nessa relação terapêutica. A relação da postura envolvida com a escuta é algo tão relevante para Rogers, que é comum ao ler sobre a ACP, encontrar descrições sobre como Rogers colocava-se nas sessões.

Rogers gravou muitas sessões dos grupos que ele organizava, e conforme pontua Bowen (1996 apud Tassinari; Durange, 2019, p. 48) essas gravações foram muito importantes para os estudos em psicologia, e mostram a “incrível qualidade da sua presença, expressada em seu olhar, sua postura e seu tom de voz, a qual era indubitavelmente um elemento central de sua terapia” (Bowen, 1996 apud Tassinari; Durange, 2019, p. 48). Tassinari e Durange (2019) ainda destacam que muitas vezes não se tratava do que Rogers dizia, mas como o dizia e a forma como tratava o cliente. Ainda sobre essa forma de comunicar a escuta, Kramer (1997) destaca a forma como Rogers, pacientemente, usava todos os seus recursos, a seu comando, para ouvir os outros e até a si mesmo, tendo em vista a importância da autenticidade do terapeuta na ACP. Essa forma era caracterizada pela voz de Rogers, que por ele foi classificada como preocupada, entusiasmada e confiante, que articularam os escritos do livro “Tornar-se Pessoa”, de 1997.

Até o momento é possível compreender que a escuta e a comunicação estão estreitamente ligadas, na ACP, e que a escuta não representa a passividade, talvez pelo contrário. Isso pode ser observado quando Rogers (1983) fala sobre o prazer que sente ao escutar as pessoas e como frustrava-se quando presenciava alguém que fazia uma pergunta e a resposta era totalmente outra. Sentia-se frustrado porque percebia que a pessoa não havia sido ouvida com atenção. Além disso, percebeu que ao ouvir as pessoas com atenção, era colocado

em contato com elas e como isso enriquecia a sua vida. Rogers (1983) complementa falando sobre outros aspectos dessa escuta, o que ele de fato “ouve quando escuta”, já que a partir do Priberam Dicionário da Língua Portuguesa, é possível compreender que ouvir, diz respeito a processar um estímulo por meio do sistema sensorial auditivo, sendo apenas os significados seguintes ligados ao ato de escutar.

Já o significado de escutar, está mais ligado a ouvir alguém com atenção, a estar presente na relação de uma forma a compreender quem fala. O autor explica que sua escuta é classificada como uma escuta profunda, pois escuta as palavras, pensamentos, sentimentos e o significado pessoal que a escuta é dada. Segundo Rogers, ele ouve ainda o que está camuflado na fala ou que parece pouco importante, mas guarda uma dor profunda ou desconhecida. A partir do que foi explorado até aqui, é possível compreender que a escuta tem papel central na ACP, e que parte de uma atitude ativa, tendo em vista que está conectada com a comunicação.

Conjuntamente, escuta e comunicação tornam-se uma ferramenta potente nos atendimentos psicológicos, pois permitem que o cliente sintam-se seguro para falar sobre a sua queixa. Além disso, ela faz parte de um processo autêntico e consciente por parte do terapeuta, que auxilia na criação da aliança terapêutica.

2.3 O ESTÁGIO EM PLANTÃO PSICOLÓGICO NO CURSO DE PSICOLOGIA

Genericamente falando, um dos pré-requisitos para a formação do acadêmico em psicologia é a aprovação nos estágios obrigatórios exigidos pelo curso. Um deles concerne ao estágio clínico, onde é necessário a aprovação em uma prática voltada a psicoterapia, e a outra concerne na prática em área específica da psicologia, escolhida pelo acadêmico. Tassinari *et al.* (2019), explicam ainda que para o Ministério da Educação (MEC), três níveis precisam ser abarcadas e interligados dentro dessas práticas, sendo o teórico, prático e vivencial. Dessa maneira, o estágio em PP é considerado uma modalidade de estágio específico, que encaixa-se nos pré-requisitos solicitados, contribuindo para a formação do acadêmico.

No que tange ao estágio em PP, Durange (2019) traz algumas ponderações importantes sobre o processo específico de aprendizagem que acontece nesse espaço. Ele destaca que o processo de aprendizagem é diferente, pois o serviço oferecido pelo plantonista é caracterizado por muitos atendimentos, em um curto período de tempo, lançando o acadêmico em experiências intensas e em uma diversidade cultural, além da aprendizagem significativa que gera lidar com o inesperado. O entendimento de Durange vai ao encontro do que é trazido por Farias (2015), quando diz que o plantonista não sabe o que irá encontrar nos seus plantões

e a ausência de atendimentos previamente agendados requerem do plantonista uma postura de prontidão e espera.

Isso decorre do fato de que o PP é uma forma de atendimento que acontece na urgência e tem como característica não ter um agendamento prévio, privilegiando a busca voluntária do paciente. Um exemplo dessa dinâmica encontrada no PP é o relato de experiência de Farias (2015), que foi plantonista em um PP realizado na Unidade de Terapia Intensiva (UTI), do hospital da Universidade Federal da Paraíba. A estrutura da UTI é classificada por ela como sendo “[...] um ambiente destinado a receber pacientes com necessidade de cuidados mais intensos, destacando pacientes em recuperação, estado grave ou em risco” (Farias, 2015, p. 199).

Sobre este espaço em específico, Padilha e Vilela (2010 apud Farias, 2015, p. 200), orientam que a postura e as intervenções que devem ser oferecidas nesse lugar, são de suporte psicológico e acolhimento, além de uma escuta diferenciada e facilitadora, com o objetivo de minorar o sofrimento que acontece no espaço hospitalar, pretendendo além do bem estar nas esferas biológicas, psicológicas e sociais, a dignidade no momento da morte, e a elaboração do processo de luto. Sobre a experiência em específico, Farias (2015) explica que foi chamada para estar presente com a equipe médica que iria comunicar a mãe de um bebê, que tinha apenas 47 dias de vida, sobre a suspeita de um quadro de meningite, além de o bebê estar em um estágio avançado de infecção generalizada.

Ouvindo o diagnóstico do médico e demais informações sobre o caso, a mãe não soltava braço da plantonista, “sinalizando desse modo sua necessidade de segurança em momento de tanta dor” (Farias, 2015, p. 203). O médico informou que as últimas 24 horas seriam decisivas para que o corpo da criança respondesse à medicação e que ela corria risco de vida (Farias, 2015). Após a explicação do médico, Farias (2015) convidou a mãe para ir até a sala de acolhimento do PP, para conversarem sobre o que estava acontecendo. Sobre a sua experiência pessoal nessa situação, Farias relata que haviam muitas informações, em sua cabeça. Ela estava ansiosa, sendo ainda seu primeiro dia no PP.

Ela diz que não sabia como encaixar a teoria com a dor que se apresentava. “Eu tenho leitura sobre a dor humana (conteúdos curriculares, tratados, técnicas, etc.), mas estar diante da própria dor se revelou como um conhecimento inédito” (Farias, 2015, p. 203). Ela continua dizendo que toda a bagagem de conhecimento que ela tinha, lhe dava a sensação de afastar-se da humanidade que era necessária naquele momento. Diz ainda que não sabia o que fazer, mas colocou-se à disposição daquele sofrimento. Usou disto, uma forma para aproximar-se da paciente. (Farias, 2015).

Apesar dos questionamentos e da carga emocional, Farias dá continuidade ao atendimento e percebe que havia um sofrimento muito grande por parte da mãe, e não cabiam estratégias naquele momento, dizendo apenas para a paciente "tanta coisa aconteceu com vocês em tão pouco tempo" (Farias, 2015, p. 203). A mãe assentiu e começou a chorar, contando um pouco sobre a sua trajetória de vida (Farias, 2015). No exposto, é possível compreender que a prática no PP pede do acadêmico uma postura muitas vezes diferente das intervenções tradicionais, seja pelo estado de prontidão ou pelo desconhecimento da demanda, e até mesmo pela intensidade do encontro. Leva-se em consideração também os diferentes espaços nos quais o PP pode ser oferecido.

Esse tipo de intervenção pode ser feita em clínicas-escola, hospitais, escolas públicas ou privadas, empresas e tantos outros contextos (Tassinari, 2019), possibilitando ao acadêmico estar em diversos espaços, que terão demandas específicas, e particularidades da cultura do local. Portanto, a experiência do PP propicia ao acadêmico entrar em contato com uma proposta inovadora de atendimento, além da possibilidade de atuação com demandas diversificadas (Furingo *et al.*, 2008). Sobre os sentimentos vividos pelo plantonista, Gomes e Souza (2015) destacam que, assim como o paciente, ele [o acadêmico] também sofre por estar diante do imprevisível, que ao mesmo tempo, lhe movimenta e impulsiona para o seu crescimento.

Sendo assim, o acadêmico é compreendido "como aquele que também aprende e evolui quando inserido numa relação terapêutica, que nessa modalidade apresenta-se como acolhedora da urgência psicológica" (Gomes; Souza, 2015, p. 174). Apesar do sofrimento e das incertezas, Araujo *et al.* (2015) destacam que com o passar do tempo, o plantonista, ao apropriar-se da prática do PP, sente-se mais seguro, e pode oferecer ao cliente uma escuta qualificada e um espaço para a vivência do seu sofrimento, e sua integração e recomposição diante da situação que gerou a procura do atendimento.

Fernandes, Marinho e Farias (2015) falam sobre a experiência que tiveram ao serem plantonistas no Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW). Eles destacam dois pontos importantes sobre essa vivência, que foi caracterizada por eles como desafiadora e estimulante ao mesmo tempo. O primeiro seria o fator aprendizado, tendo em vista que o plantonista está em uma clínica inserida em um contexto social, que transcende os atendimentos tradicionais, em consultório. Já o segundo, seria a respeito do crescimento do projeto em específico, o PP no HULW, e o conhecimento adquirido por estar neste projeto. (Fernandes; Marinho; Farias, 2015).

Os autores finalizam dizendo que esse aprendizado é de uma escuta clínica profunda e atenta, com desafios específicos que muitas vezes não são encontrados nos livros. A partir da relação com o paciente, existem sentimentos de dores e angústias, mas também alegrias e sentimentos de satisfação, sendo estes “sentimentos inerentes a todo aquele que se propõe a sair de uma conhecida zona de conforto para novos desafios nem sempre confortáveis, mas prazerosamente enriquecedores” (Fernandes; Marinho; Farias, 2015, p. 147). Além disso, é importante considerar a historicidade do PP, em relação a formação do acadêmico, pois ele foi afirmando-se, ao longo de sua construção, como uma prática central e organizadora em torno da qual estágios de formação, prestação de serviços e pesquisa se articularam. (Fujisaka *et al.*, 2013).

Resumidamente, a partir dos autores utilizados, observa-se a existência de contribuições do estágio em PP para a formação do acadêmico de psicologia, tendo em vista as particularidades da sua prática, que contribuem para a formação de um profissional apto a trabalhar em espaços distintos, e o prepara para a imprevisibilidade e incerteza dos encontros e a multiplicidade das demandas. Essas são algumas especificidades que fazem parte e ajudam a construir a postura do plantonista, tendo em vista ainda a não tradicionalidade das intervenções que acontecem no PP e a forma como o atendimento é oferecido.

2.4 DISTINÇÕES ENTRE ATENDIMENTOS EM PLANTÃO PSICOLÓGICO E PSICOTERAPIA

A busca pelo bem-estar parece ser o impulso que leva o indivíduo tanto para a psicoterapia quanto para o PP, porém, a frequência tende a ser diferente no PP, sendo uma busca mais espontânea. Já na terapia, a busca acaba ficando geralmente atrelada a um agendamento prévio (Tassinari, 2019). Tassinari (2013) explica que a psicoterapia pode ser entendida como um tratamento, com sessões semanais que são feitas por um longo período de tempo, muitas vezes oferecida ainda com uma ideia clássica de psicoterapia individual, sendo realizada em consultórios particulares, além da frequência das sessões acontecendo de duas ou quatro vezes por semana.

Já o PP relaciona-se de forma diferente com o tempo e até mesmo com o ritmo das sessões, pois encontra seu eixo principal em um encontro único, na maioria das vezes, podendo ainda estar em diferentes lugares, além da forma distinta que lida com a duração das sessões (Tassinari, 2019). Rocha complementa dizendo que “é o plantonista em estado de PP que caracteriza o atendimento e não, preponderantemente, as condições físicas e temporais

como tradicionalmente estamos habituados a considerar” (Rocha, 2019, p. 63). O tempo é um tema valoroso quando falamos em PP, pois como aponta Rocha, “o tempo é uma variável importante, fundante no PP. O tempo de proximidade com a necessidade de escuta e compartilhamento das pessoas, o tempo de duração da sessão e o tempo de duração do processo de plantão” (Rocha, 2019, p. 63).

Durange e Cordeiro (2013) fazem mais um apontamento sobre como o PP e a psicoterapia lidam de formas diferentes com o tempo, e a organização dos atendimentos. Os autores entendem que a modalidade de atendimento do PP foi se mostrando eficaz mediante demandas emergentes, possibilitando muitas vezes que em apenas um encontro, o cliente tivesse atendida a sua necessidade. Além disso, outra característica importante que distingue o PP e a psicoterapia, é a plasticidade do PP em poder ser implementado em diversos lugares, como escolas, instituições públicas e privadas, ou em contextos socialmente desfavorecidos, conforme já destacado ao decorrer deste trabalho. Já a psicoterapia apresenta uma dinâmica um pouco mais restrita, tendo em vista a sua necessidade de estar inserida em consultórios, em uma prática geralmente voltada para um atendimento individualizado (Tassinari, 2013), muitas vezes favorecendo uma pequena parcela da população, principalmente em um país em desenvolvimento como o Brasil (Tassinari; Durange, 2019).

Durange e Cordeiro (2013) explicam que antecedentemente a criação da psicologia, a atividade considerada clínica já existia, tendo sua prática influenciado de modo direto a medicina e depois a psicologia. Assumindo para si essa nomenclatura, a psicologia trouxe para a sua constituição a referência de um fazer historicamente médico, tornando-se inelutável a sua influência e comparação. Os autores destacam ainda que muitas vezes a psicologia clínica ainda está atrelada ao estudo da doença ou da anormalidade. É importante destacar que as distinções apresentadas procuram clarificar a diferença entre essas duas modalidades de atendimento, e não tem por objetivo fazer um julgamento de valor, indicando qual abordagem de atendimento é melhor ou mais eficaz que outra.

Conforme explica Wrona (2013), o PP em sua fundação não tinha por objetivo substituir a psicoterapia, e, segundo Tassinari (2019) permanece esse entendimento. São propostas de atendimentos diferentes que se destinam a determinados objetivos e situações, cabendo ao cliente e psicólogo decidirem conjuntamente o que se torna mais adequado para a necessidade que se apresenta. Até mesmo é possível pensar na aliança entre o PP e a psicoterapia, pois como pontuou Durange (2019), em sua experiência como estagiário plantonista descobriu que as pessoas encaminhadas para a psicoterapia, que haviam sido atendidas no PP, eram as que mais tinham aderência ao processo psicoterapêutico.

2.5 PLANTÃO PSICOLÓGICO: COMPROMISSO SOCIAL E CLÍNICA AMPLIADA

O PP acaba muitas vezes sendo uma prática potente quando se pensa na atenção primária, secundária e terciária de saúde, pois o seu trabalho oferece de forma natural promoção e educação para a saúde. Com a característica de poder estar presente em vários lugares, serve ainda como forma de prevenção a problemas mais críticos (Durange; Cordeiro, 2013). Para os autores, o PP por estar fortemente ligado à comunidade na qual está inserido, se torna um agente de transformação, pois capacita a própria pessoa e/ou comunidade a lidar com o que está à sua volta e a proporcionar maior qualidade de vida.

Pensando sobre a necessidade de um novo paradigma e de uma nova proposta de relação que abarque não apenas o paciente, mas também a comunidade, os autores explicam a necessidade de um novo olhar sobre os atendimentos oferecidos pelos psicólogos (Durange; Cordeiro, 2013). Esse novo olhar seria, entre outras coisas, o que os autores irão chamar de clínica ampliada, ou até mesmo de tendências emergentes. Pensa-se em uma psicologia com atuação em um contexto social, com ações para a promoção de saúde, que vão além do consultório particular, caracterizando-se por ser um movimento que se dirige ao encontro da pessoa, e não a aguarda, passivamente. Neste caso, o PP estaria inserido nessa concepção (Durange; Cordeiro, 2013). Os autores sinalizam ainda que esse novo olhar também é necessário para que seja possível atender às necessidades contemporâneas, tendo em vista as constantes mudanças e transformações da realidade individual, coletiva e social, tornando-se assim fundamental a visão de uma clínica ampliada, na psicologia.

Em consonância a essa visão, Tassinari e Durange (2019) explicam que conforme os pressupostos de Rogers foram difundidos no Brasil, muitos psicólogos têm se preocupado em oferecer espaços que sejam promotores de saúde em contextos mais fragilizados e desfavorecidos, tentando-se responder de maneira mais acertada as queixas contemporâneas, e procurando beneficiar e incluir todas as classes sociais, para que todos tenham acesso aos serviços psicológicos. Sobre as práticas comumente oferecidas para quem procura um serviço de atendimento psicológico, Rocha (2019) atenta-se para o fato de que muitas vezes atendimentos a longo prazo, que ocorrem semanalmente e no mesmo horário, podem não ter sentido para determinados públicos, sendo assim necessário que outras formas de atendimento sejam oferecidas. Tassinari (2019) corrobora com o exposto por Rocha, quando explica que muitas vezes, mesmo com a possibilidade de retorno, a clientela escolhe apenas uma sessão, quando sentem que foram atendidas naquilo que procuravam.

O PP surge também como uma potente resposta contemporânea, conforme afirma Mahfoud (2013), tendo em vista o modelo atual de sociedade que é constituído por contextos culturais psicologizantes, onde não são necessários longos processos psicoterapêuticos, discursos explicativos ou um elaborado *setting* terapêutico, mas sim ações pontuais que geram uma resposta autêntica do outro. Conforme apontam Bacellar, Rocha e Flôr (2013), vive-se em uma realidade onde o tempo é uma variável importante. Com o fim dos limites territoriais como forma de limitar os atendimentos psicológicos, a globalização e a cibercultura, pode existir um desafio para que a psicologia consiga inserir-se nas demandas tanto da saúde pública quanto privada. Nesse caso o PP pode contribuir com a sua plasticidade, que é tanto teórica quanto prática (Durange; Cordeiro, 2013). Segundo Bacellar, Rocha e Flôr (2013), houve até mesmo a implantação de um serviço de PP na saúde privada. É neste contexto, segundo as autoras, que insere-se o PP, uma proposta de atendimento inovadora mas também clássica em suas raízes.

Além disso, o PP transcende uma proposta de atendimento que foque apenas as demandas emocionais, visando abarcar assuntos de outra ordem, que afetam o paciente da mesma maneira e que estão dialogicamente ligados a questões emocionais, podendo ser questões jurídicas, escolares, econômicas, sociais, comunitárias, relacionais, entre outras. O plantonista dedica-se com atenção também a essas esferas, demonstrando uma escuta atenta e diferenciada (Durange; Cordeiro, 2013). Como aponta Mahfoud (2013), se faz necessário dar atenção a essa complexidade contemporânea, que pede uma modalidade de intervenção diferente, que não tenha por objetivo eliminar um problema ou modificar a personalidade de quem procura atendimento, mas fomentar o cuidado consigo mesmo, ao passo que seja possível para essa pessoa fazer esse movimento.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo teve por objetivo apresentar os procedimentos metodológicos necessários para a realização desta pesquisa, para que o seu objetivo seja alcançado. Nele foi apresentado a metodologia usada, que foi composta pela modalidade da pesquisa, os procedimentos envolvendo a coleta de dados e a análise e interpretação dos dados e discussão dos mesmos.

3.1 MODALIDADE DA PESQUISA

Tendo esta pesquisa o objetivo de caracterizar a configuração do plantão psicológico como prática psicoterapêutica, a modalidade de pesquisa escolhida foi a pesquisa bibliográfica, e a abordagem escolhida foi a exploratória e descritiva, por caracterizarem-se pela melhor metodologia para que o objetivo em questão fosse alcançado. Para esse mesmo fim, foi feita a análise qualitativa dos dados, a partir das informações que foram obtidas em bases de dados científicas, abaixo informadas.

Conforme explica Gil (2022), a maioria das pesquisas com propósito acadêmico terão, pelo menos em um primeiro momento, um caráter de pesquisa exploratória. Nesse sentido, a pesquisa exploratória tem por objetivo trazer uma aproximação ou familiaridade entre o pesquisador e o tema, de forma a torná-lo mais claro, ou ainda, auxiliar na construção das hipóteses. O seu planejamento tende a ser mais flexível, pois leva-se em consideração os mais variados elementos relativos ao fenômeno estudado. Para Gil (2022) o objetivo de uma pesquisa descritiva, é descrever as características de um fenômeno ou população. Lacruz e Leite (2023, p. 95) corroboram dizendo ainda que as pesquisas descritivas têm por objetivo “observar, registrar, analisar e correlacionar fenômenos/variáveis para descrevê-los, sem manipulá-los”.

3.2 PROCEDIMENTO DA COLETA E ANÁLISE DE DADOS

As seguintes bases de dados foram usadas para a busca dos artigos científicos: Periódicos de Psicologia (PEPSIC), Biblioteca Eletrônica Científica Online (SciELO), Information Service (EBSCOhost), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS). Foram escolhidos artigos em língua portuguesa, publicados entre os anos de 2019 a 2024; este intervalo de tempo foi escolhido para que se pudesse analisar a produção científica mais recente. Os dados foram coletados de artigos científicos com os seguintes descritores: (“plantão psicológico”) OR (“urgência psicológica”), (“plantão psicológico) AND

(“abordagem centrada na pessoa”), (“urgência psicológica) AND (“abordagem centrada na Pessoa”), (“plantão psicológico) AND (“estágio”), (“plantão psicológico) AND (“psicoterapia”), (“plantão psicológico”) AND (“terapia”).

Como critérios de inclusão foram escolhidos artigos que estivessem nas bases de dados elencadas acima, com disponibilidade integral do texto e de forma gratuita, no intervalo de tempo já delimitado e com a temática apropriada a esta pesquisa. Além disso, foram incluídos artigos com relatos de experiências de acadêmicos e docentes que estagiaram ou orientaram discentes em estágio em PP, e artigos de revisão de literatura.

Tendo em vista a escolha de analisar-se apenas artigos, usou-se como critério de exclusão materiais que fossem monografias, dissertações, teses e livros, além de estudos que estivessem duplicados nas bases de dados, ou que não fizessem sentido com o tema proposto.

Após a devida seleção dos artigos, estes foram lidos e analisados na íntegra, tendo por base a necessidade de encontrar respostas aos objetivos da presente pesquisa. Em sequência foram organizados em quadros que tinham as seguintes categorias: título, autor, ano de publicação e descrição do resultado. A respeito da análise dos dados e interpretação destes, foram feitas as leituras classificadas como: exploratória, seletiva, e interpretativa. O objetivo das leituras consiste em identificar as informações e os dados que são apresentados nos materiais, e estabelecer uma conexão entre os dados encontrados e o problema de pesquisa (Gil, 2022).

Os artigos foram dispostos em um arquivo no programa planilhas eletrônicas do *Google*, e neste foram organizados por descritores, base de dados, título do artigo, *link* de acesso, uma coluna para que fosse possível assinalar se depois da leitura o artigo seria mantido, e um campo para observações. Em sequência, foram agrupadas e analisadas baseadas no objetivo geral e objetivos específicos, sendo dispostas em quadros conforme a organização mencionada acima.

Nesse sentido, foi feita a seleção de artigos que respondiam aos objetivos deste trabalho, tendo sido primeiramente elaborada a relação entre a ACP e o PP, sequencialmente se identificou contribuições do estágio em PP para a formação do acadêmico de psicologia, e por fim, descreveu-se distinções entre os atendimentos de PP e psicoterapia. Após a coleta e seleção dos materiais, mantiveram-se 41 artigos para posterior leitura e análise.

3.3 DIVULGAÇÃO DOS RESULTADOS E DESFECHO

Este trabalho será apresentado a uma banca de qualificação, do Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí (UNIDAVI), no mês de novembro de 2025. Após a devida apresentação, a pesquisa ficará disponível para consulta na referida instituição.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo serão apresentados os resultados encontrados na busca realizada, com base nos objetivos específicos desta pesquisa. Organizou-se as informações encontradas em quadros para melhor compreensão e sequencialmente houve a discussão dos resultados obtidos. O quadro abaixo sinaliza que 245 artigos foram encontrados a partir da pesquisa com todos os descritores acima informados, 41 artigos foram pré-selecionados para leitura, permanecendo 17 artigos ao total.

Quadro 1 – Levantamento do número de artigos encontrados nas bases de dados PEPSIC, SciELO, EBSCOhost e LILACS.

Descritores	Base de dados	Artigos encontrados	Artigos pré-selecionados	Artigos mantidos
("plantão psicológico")	PEPSIC	24	16	6
	SciELO	9	6	4
	EBSCOhost	3	3	0
	LILACS	32	16	7
("urgência psicológica")	PEPSIC	4	0	0
	SciELO	9	0	0
	EBSCOhost	4	0	0
	LILACS	32	0	0
("plantão psicológico) AND ("abordagem centrada na pessoa")	PEPSIC	0	0	0
	SciELO	0	0	0
	EBSCOhost	30	0	0
	LILACS	1	0	0
("urgência psicológica) AND ("abordagem centrada na Pessoa")	PEPSIC	0	0	0
	SciELO	0	0	0
	EBSCOhost	62	0	0
	LILACS	0	0	0
("plantão psicológico) AND ("estágio")	PEPSIC	0	0	0
	SciELO	1	0	0
	EBSCOhost	1	0	0
	LILACS	7	0	0
("plantão psicológico) AND ("psicoterapia")	PEPSIC	0	0	0
	SciELO	0	0	0
	EBSCOhost	1	0	0
	LILACS	5	0	0

("plantão psicológico") AND ("terapia")	PEPSIC	6	0	0
	SciELO	1	0	0
	EBSCOhost	1	0	0
	LILACS	12	0	0
TOTAL		245	41	17

Fonte: elaborado pela autora (2025).

Como é possível observar no quadro acima em artigos encontrados, na primeira busca todas as bases de dados e descritores escolhidos contribuíram com artigos. Quando partiu-se para a fase dos artigos pré-selecionados, onde já foram descartados os artigos duplicados, apenas o descritor ("plantão psicológico") apresentou resultados. Hipotetiza-se que pelo tema PP ser um tema específico e contemporâneo, ao usar apenas esse descritor se fez possível encontrar nos artigos trazidos por ele, as informações necessárias para responder todos os objetivos propostos. Além disso, a partir desse descritor específico, foi possível encontrar todos os artigos disponíveis sobre este tema.

Em descritores como ("urgência psicológica"), por exemplo, encontraram-se na pré-seleção muitos artigos voltados para a enfermagem ou nas ciências médicas no geral. Via de regra, depois da primeira pesquisa com o descritor ("plantão psicológico"), muitos artigos encontrados já estavam duplicados. Na pré-seleção a base de dados LILACS foi a que mais ofereceu resultados, seguida da PEPSIC, SciELO e EBSCOhost. Nos artigos mantidos, as bases se mantiveram da seguinte forma: LILACS, SciELO e PEPSIC, não permanecendo a base de dados EBSCOhost.

Abaixo, nos quadros 2, 3 e 4, seguem os resultados encontrados com o intuito de responder os objetivos específicos propostos. Quadro 2: discorrer acerca da relação entre a abordagem centrada na pessoa e o plantão psicológico, quadro 3: identificar contribuições do estágio em plantão psicológico para a formação do acadêmico de psicologia e quadro 4: descrever distinções entre os atendimentos em plantão psicológico e psicoterapia. Abaixo de cada quadro houve a respectiva discussão dos resultados.

4.1 DISCORRER ACERCA DA RELAÇÃO ENTRE ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA E O PLANTÃO PSICOLÓGICO.

Quadro 2– Discorrer acerca da relação entre a Abordagem Centrada na Pessoa e o plantão psicológico.

Título	Autor	Ano de publicação	Descrição dos resultados
--------	-------	-------------------	--------------------------

Avaliação da Eficácia de um Plantão Psicológico em um Serviço-Escola	WECHSLER, Amanda Muglia	2023	Para a autora, as publicações científicas sobre o PP são escassas, com foco predominante nas abordagens humanistas. Compreende que uma postura acolhedora e empática não deve ser exclusiva de uma teoria.
Uma canoa na tempestade: o acolhimento psicológico emergencial na pandemia da COVID-19 ⁵	ROCHA, Ana Maria Campos da <i>et al.</i>	2021	Os autores foram plantonistas em PP utilizando como abordagem a ACP. A figura do psicólogo na ACP é alguém que possui flexibilidade e recursos para propor alternativas, orientações, informações e encaminhamentos.
Intervenções em plantão psicológico humanista-fenomenológico: pesquisa em serviço-escola	BARBOSA, Fabio; CASARINI, Karin Aparecida.	2021	A abordagem adotada para os atendimentos foi a humanista-fenomenológica. Para os autores, tanto a ACP quanto a fenomenologia possuem pontos em comum.
Plantão Psicológico Gestáltico - A Escrita de uma Experiência	SOARES, Luciana Loyola Madeira	2020	Para a autora foi necessário embasar-se não apenas na literatura gestáltica sobre o PP, que segundo ela é escassa, mas também em autores embasados em Rogers, que lhe proporcionaram conexão entre a teoria gestáltica.
Novas direções para o plantão psicológico: o psicodrama como referencial	VIEIRA, Érico Douglas	2019	Para o autor a teoria do psicodrama está em sintonia com os pressupostos de Rogers. A prática exercida pelos acadêmicos no PP foi norteadada pela ACP, mas ao mesmo tempo, usou-se também o psicodrama como forma de atender os pacientes.
Plantão psicológico no referencial do psicodrama: encontro com a subjetividades desviantes	VIEIRA, Érico Douglas; SILVA, Fernanda Gonçalves da	2022	Os autores ressaltam que, de forma geral, nos estudos envolvendo o PP, a ACP é a abordagem teórica mais utilizada.

Fonte: elaborado pela autora (2025).

Na delimitação de tempo de pesquisa deste trabalho (2019-2024), a maioria das publicações, embora usando-se o descritor “abordagem centrada na pessoa”, eram de outras abordagens, as quais fazem referência a ACP como norte e base de seus trabalhos. Por isso foram incluídas nesta pesquisa. É possível elucidar esse posicionamento com autores como Vieira (2019). Para ele, a ACP foi uma influência direta para os atendimentos, mesmo usando o psicodrama. Soares (2022) tem uma experiência semelhante, quando maneja a abordagem

⁵É a sigla para “Corona Virus Disease 2019”. Traduzido em português para “doença causada pelo coronavírus 2019” (Brasil Senado Federal, s.d).

gestáltica em seus atendimentos, mas diz que foi necessário utilizar autores que embasaram-se em Rogers, para os atendimentos em PP.

Vieira (2019) pontua a sintonia entre a ACP e o psicodrama, já que, segundo o autor, Moreno e Rogers compartilham de uma visão positiva do ser humano, com potencial para crescimento e mudança. A autenticidade diz respeito ao que Rogers (1997) chama de “tornar-se quem é”. Para ele, a ACP faz com que o paciente consiga se tornar mais realista e congruente com quem de fato é. Ele está ciente do que pensa, do que sente, do seu contexto, da capacidade que tem de lidar com as adversidades, e a potência que tem em si. A ACP, para Rogers, seria uma abordagem que proporciona um melhor entendimento de si mesmo, processo que facilitaria a autenticidade. Nesse sentido, é possível perceber um paralelo entre a proposta de Barbosa e Casarini e a de Rogers.

Ainda sobre a relação com o psicodrama, Vieira (2019) teve uma experiência onde embasou-se, predominantemente na ACP e no psicodrama, mais especificamente no psicodrama bipessoal. Nesse contexto, podemos elencar conceitos como a tendência atualizante e a espontaneidade. Cabe destacar a relação da palavra “espontaneidade” com o PP, pois como aponta Rocha (2019), um dos pressupostos do PP é a procura espontânea por parte da população. A tendência atualizante também é um tema central na ACP, já que fala dessa tendência inata do ser humano, da procura pela mudança, pelo bem-estar, mesmo nas condições mais adversas; é a potência que existe dentro de cada um (Rogers, 1997).

Algo interessante de pontuar é que a partir do conceito de tele, do psicodrama, foi possível emergir um encontro permeado pela autenticidade e horizontalidade (Vieira, 2019).

O conceito de autenticidade já foi explicitado, e cabe explicar o conceito de horizontalidade, já que para Rogers (1997), a psicoterapia deveria ser um espaço sem hierarquias, onde cliente e psicólogo se relacionassem de forma horizontal. Em outro estudo sobre o psicodrama, Vieira e Silva (2022) ressaltam, que, de forma geral, os estudos que envolvem o PP, a ACP é o aporte teórico mais presente nas publicações. Essa visão é corroborada com Soares (2020), quando pontua que Rogers representa uma parcela abundante das publicações envolvendo o PP.

Barbosa e Casarini (2021) encontraram entre a fenomenologia e a ACP pontos em comum. Segundo elas, a fenomenologia está presente na constituição do PP, e ambas as teorias compartilham alguns princípios, como a aceitação incondicional e a autenticidade. Segundo Souza, Callou e Moreira (2013 apud Barbosa; Casarini, 2021, p. 03) “[...] a fenomenologia e a ACP não têm interesse em explicar e classificar a experiência, mas compreendê-la através de um caminho prioritariamente descritivo”. Outros conceitos

intrínsecos a ACP também estiveram presentes no artigo, mostrando a relação dela com intervenções humanista-fenomenológicas, como: a relação com a escuta e acolhimento; o foco do atendimento na pessoa não na patologia ou problema; e a importância da postura do plantonista (Barbosa e Casarini, 2021).

Soares (2020) teve uma experiência muito semelhante com esses conceitos. A autora teve sua experiência em um PP baseado na abordagem da gestalt, e para ela, é possível encontrar similaridades entre a abordagem gestáltica e a ACP, já que parecem partilhar entendimentos sobre as intervenções psicológicas, como o foco na pessoa e não no problema, a importância do acolhimento e da escuta; ambas compreendem a potência do atendimento único; a chamada “auto afetação”, sendo compreendida pelo olhar da ACP como a postura de se estar inteiro na relação paciente-psicólogo. Complementa dizendo que para embasar a sua prática, precisou realizar pesquisas que lhe fornecessem suporte teórico e o encontrou em autores brasileiros, que publicaram sobre o tema. Usando esse critério, a autora destaca que esses autores, quase que majoritariamente, eram da ACP.

Wechsler (2023), também corrobora com a visão dos autores citados, quando diz que as pesquisas sobre o tema são escassas, e predominantemente embasadas no enfoque humanista, principalmente pela constituição do PP, ter sido calcada em Rogers. Rocha *et al.* (2021), foram autores que usaram diretamente a ACP em seus atendimentos. Essa se torna uma diferença entre os autores destacados acima, porém, é conclusivo que compartilharam conceitos e posicionamentos, iguais ou semelhantes, quando falam sobre a sua prática e a relação com a ACP. Rocha *et al.* (2021) destacam que uma das mudanças impactantes provocadas por Rogers, é o olhar para o cliente não para o problema, já que o modelo vigente daquele momento focava em conceitos como “cura” ou resolução de uma condição.

Essa mesma valoração desse conceito é ressaltada por Casarini e Barbosa (2021), e Soares (2020), conforme exposto acima. Rocha *et al.* (2021) também trazem a importância de um ambiente facilitador, ou a facilitação, conceito também de Rogers, para que seja possível propiciar um espaço onde a pessoa possa desenvolver as suas potencialidades, ou seja, o conceito de tendência atualizante, que também corrobora com a experiência vivida por Vieira (2019). Conceitos como aceitação e consideração incondicional também estiveram presentes na prática de Rocha *et al.* (2021), e dos outros autores já mencionados ao longo deste trabalho. Rocha *et al.* (2021) finalizam dizendo que o apoio referencial e teórico da ACP lhes forneceu segurança para a sua atuação no PP, e que a ACP pactua com um olhar político, já que enxerga a psicologia além da clínica tradicional, compreende a necessidades dos encaminhamentos, quando fala-se no PP, e o seu olhar para com a comunidade onde insere-se.

É possível observar, a partir do exposto, que outras abordagens são utilizadas além da ACP, principalmente quando se pensa no PP como uma intervenção em constante evolução, contemporânea e com grande plasticidade. A ACP ainda tem se mostrado a abordagem com mais publicações, conforme os autores já mencionados, porém, como já destacado, no período delimitado nesta pesquisa, essa realidade está mudando. Todo o exposto mostra que novas abordagens vêm surgindo, cabendo destaque para a abordagem fenomenológica (Moreira; Dantas; Dutra, 2022), que vem ganhando espaço significativo. Contudo, a ACP continua intimamente ligada ao PP, e mostra-se relevante, seja nos atendimentos feitos diretamente com ela, ou seja de forma indireta, estando presente como suporte para outras abordagens.

4.2 IDENTIFICAR CONTRIBUIÇÕES DO ESTÁGIO EM PLANTÃO PSICOLÓGICO PARA A FORMAÇÃO DO ACADÊMICO DE PSICOLOGIA.

Quadro 3 – Identificar contribuições do estágio em plantão psicológico para a formação do acadêmico de psicologia.

Título	Autor	Ano de publicação	Descrição dos resultados
Plantão psicológico <i>on-line</i> a estudantes universitários durante a pandemia da COVID-19	BEZERRA, Cíntia Guedes; MOURA, Kilvia Pereira; DUTRA, Elza.	2021	Para as autoras, a capacidade de adaptar-se a demandas inesperadas e o manejo das emoções, e estar disponível incondicionalmente, foi uma tarefa difícil mas ao mesmo tempo essencial de serem desenvolvidas quando se está no PP. A escuta exercida pelas plantonistas foi mobilizadora, tanto para os acadêmicos quanto para quem era atendido
Estágio e supervisão em plantão psicológico <i>on-line</i> na pandemia: desafios a partir da perspectiva fenomenológico-existencial	MORETTO, Cybele; NUKUI, Sonia; ANTUNES, Valeria.	2024	Ser plantonista no PP é desenvolver habilidades relacionadas ao manejo terapêutico de situações diversas, postura terapêutica, empatia, e ainda lidar com a própria condição de limitação do plantonista.
Plantão da acolhida: um dispositivo de acolhimento ao outro	SANTOS, Gustavo Alvarenga Oliveira; CASARINI, Karin Aparecida; DIAS, Fabiana Carolina de Souza Carvalho	2024	Foi percebido que os plantonistas desenvolveram habilidades de compreender quais eram os encaminhamentos necessários a serem indicados para o paciente.

Intervenções em plantão psicológico humanista-fenomenológico: pesquisa em serviço-escola	BARBOSA, Fabio; CASARINI, Karin Aparecida.	2021	Para os autores, os acadêmicos desenvolveram habilidades importantes no PP, como: intervenções reflexivas, de cuidado e explicação.
Escuta clínica, triagem e plantão psicológico em um serviço-Escola pernambucano	MACÊDO, Shirley; NUNES, Ana Lícia Pessoa; DUARTE, Milena Vitor Gama.	2021	Para as autoras, inserir no PP os acadêmicos que estão nos semestres iniciais propiciou o atenuamento das dificuldades, e inseguranças sentidas no estágio obrigatório, no último ano da graduação.
A clínica psicológica como um espaço de desvelamento das desigualdades sociais	VIEIRA, Érico Douglas; ROMAGNOLI, Roberta Carvalho.	2022	Os discentes estavam inseridos em uma prática clínica com pessoas de classes populares, expostas a diversos tipos de violências e preconceitos, e que tiveram seus direitos básicos negados. Isso fez com que tivessem a oportunidade de repensar o modelo da clínica tradicional.
Plantão psicológico on-line: a experiência da Clínica Psicológica da UEL no contexto da Covid-19	ORTOLAN, Maria Lúcia Mantovanelli; SEI, Maíra Bonafé.	2021	Para as autoras, atuar de forma <i>online</i> no PP trouxe algumas limitações para os plantonistas. Apesar das dificuldades, as autoras vêem como positiva a experiência do pp, de forma remota.
A psicologia na atenção básica: fortalecendo o vínculo com a comunidade	ALEXANDRE, Ana Clara Siena; NASCIMENTO, Ananda Kenney da Cunha; CHIODI, Sofia Lira	2021	As autoras destacam algumas informações importantes a respeito da experiência em estagiar no PP, são elas: aprender a divulgar o serviço do PP de uma forma acessível e que fosse possível fomentar a busca da comunidade por ele. Além disso, foi importante ter domínio para explicar o que era o PP.
Acolhimento psicológico com sujeitos marginalizados: tensões entre o tradicional e o instituinte	VIEIRA, Érico Douglas; ROMAGNOLI, Roberta Carvalho	2019	Na experiência específica em atender sujeitos marginalizados, foi necessário que os plantonistas criassem estratégias além da clínica tradicional, já que a literatura muitas vezes não abarca a realidade desses sujeitos. Precisaram lidar ainda com a imprevisibilidade.
Experiências de estagiários em plantão psicológico em hospitais: formação e ação clínica	BRAGA, Tatiana Benevides Magalhães <i>et al.</i>	2019	Segundo os autores, a experiência de ser plantonista em um hospital fez com que os estagiários pensassem em uma clínica amplificada e rompessem com um olhar apenas intrapsíquico.

O estágio de atendimento nos anos iniciais: experiência com plantão psicológico	NUNES, André P.; MORATO, Henriette T. P.	2020	Os estagiários defrontaram-se com sentimentos incômodos, como medo e confusão, além da imprevisibilidade do encontro e atendimentos de demandas diversas.
Plantão psicológico no referencial do psicodrama: encontro com a subjetividades desviantes	VIEIRA, Érico Douglas; SILVA, Fernanda Gonçalves da	2022	Para os plantonistas foi difícil depararem-se com o sofrimento que eram apresentados pelos pacientes, já que eram pessoas que vivem em situação de fragilidade e apresentavam, em sua maioria, quadros psicológicos com pensamentos delirantes. Além disso, com a diversidade e complexidade dos atendimentos, fez-se necessário que os plantonistas estivessem abertos à clínica ampliada.
Novas direções para o plantão psicológico: o psicodrama como referencial	VIEIRA, Érico Douglas	2019	O PP despertou nos plantonistas a estima pela potência humana; a possibilidade de terem uma ligação com a comunidade e a faculdade.

Fonte: elaborado pela autora (2025).

Uma das importantes contribuições descritas pela maioria dos autores pesquisados diz respeito à necessidade de se adaptar à imprevisibilidade do encontro. Corroborando com isso, Vieira e Romagnoli (2019; 2022), Vieira e Silva (2022); Nunes e Morato (2020), explicam que o PP solicita ao acadêmico uma postura ativa, criativa e inventiva, já que se trata de um atendimento marcado pela imprevisibilidade. Para Bezerra, Moura e Dutra (2021), a capacidade de adaptar-se à imprevisibilidade juntamente com o manejo das emoções, pode ser uma tarefa difícil para o plantonista, mas ao mesmo tempo é essencial quando se está no PP.

Essa determinante do PP faz com que algumas habilidades sejam desenvolvidas, como o manejo de situações adversas e diversas, e compreender até mesmo a própria limitação do atendimento no PP, ou seja, o encontro único (Moretto; Nukui; Antunes, 2024). Esse contexto faz com os estagiários precisem improvisar diante da demanda inesperada (Nunes; Morato, 2020), já que, conforme apontado por Vieira e Silva (2022), não existe, muitas vezes, fundamentação teórica que consiga fundamentar as práticas no PP, dado que muitas dessas fundamentações advêm da literatura tradicional, que não inclui processos psicossociais e pouco se vincula a questões sociais, políticas e psicológicas (Vieira; Romagnoli, 2022).

Todo esse contexto faz com que novas habilidades sejam desenvolvidas e/ou aperfeiçoadas. Por exemplo, o desenvolvimento da habilidade de postura terapêutica, foi pontuado por Moretto, Nukui e Antunes (2024); Barbosa e Casarini (2021), por Ortolan e Sei, (2021) e Braga *et al.* (2019). A postura terapêutica pode ser compreendida a partir de várias esferas. Ela abarca desde a postura física, tom de voz e expressão facial (Barbosa;

Casarini, 2021), parte também de conceitos como empatia, aceitação, reconhecimento do outro e estar inteiramente disponível para o atendimento (Moretto; Nukui; Antunes, 2024; Bezerra; Moura; Dutra, 2021). Além disso, dado a intensidade dos encontros no PP (Vieira; Romagnoli, 2019; Braga *et al.*, 2019; Vieira; Silva, 2022), e a forma como emocionalmente os plantonistas envolvem-se nos atendimentos, desenvolver a competência da regulação emocional se fez muito necessária.

O envolvimento emocional dos plantonistas na prática do PP também é vista como relevante por Moretto, Nukui e Nunes (2024, p. 9), quando dizem que “estar de frente com a prática do Plantão Psicológico é compreender que também somos seres indo ao encontro, é trabalhar nossas ansiedades e nossa condição de limitação”. Segundo Bezerra, Moura e Dutra (2021, p. 64) “[...] o encontro no plantão favorece a experiência tanto do plantonista quanto do paciente, uma vez que nos deixamos afetar pelas emoções e tensões que são ali desveladas”. Nesses contextos, outras competências também foram desenvolvidas, como: a escuta ativa e qualificada, acolhimento incondicional; reconhecimento e aplicação da ligação entre a teoria e a prática, analisando também se ela seria adequada aquela realidade ou não; uma postura sensível e social, que compreenda as fragilidades psicossociais (Barbosa; Casarini, 2021; Bezerra; Moura; Dutra, 2021; Moretto; Nukui; Antunes, 2024; Santos; Casarini; Dias, 2024).

Essas habilidades foram desenvolvidas nas experiências relatadas por Bezerra, Moura e Dutra (2021), levando-se em conta que muitas vezes o PP acontece em contextos de maior fragilidade, o que pode causar maior desconforto no plantonista. Um exemplo disso é a experiência vivida por Braga *et al.* (2019), e Vieira e Silva (2022). A vivência do primeiro autor foi realizada em um hospital, e a dos dois últimos autores em uma casa de acolhimento para moradores de rua. Apesar do PP estar inserido em contextos diferentes, ambos os plantonistas presenciaram sofrimentos intensos, que causaram desconforto, necessitando que desenvolvessem habilidades para lidar com os sentimentos que emergiram, além de estarem diante de pessoas que tinham não apenas uma fragilidade ou sofrimentos ligados apenas a questões emocionais, mas também a vulnerabilidades financeira, social, relacional, e outras mais.

Um exemplo a respeito da adaptação e flexibilidade necessária no PP, é o caso de Vieira e Romagnoli (2019), quando ao atenderem sujeitos marginalizados, perceberam que estes muitas vezes não iriam até a sala de atendimento. Para que pudessem ser atendidos, os plantonistas foram até eles, não atendendo às vezes em salas que estavam à disposição. Nesse sentido, foi necessário desenvolver maior flexibilidade para que os atendimentos pudessem

ser realizados. Isso faz com que o plantonista depreenda-se com sentimentos incômodos, como medo, confusão e frustração (Nunes; Morato, 2020). Apesar desse contexto desafiador, cabe lembrar o compromisso do PP frente a questões sociais, e populações que comumente não teriam acesso a serviços psicológicos. “O plantão psicológico é uma prática clínica que abarca, leva em consideração e se compromete com o contexto social e histórico em que nos situamos” (Bezerra; Moura; Dutra, 2021, p. 64).

Esse contexto suscita ainda outra habilidade, o conhecimento sobre os encaminhamentos. O PP é ligado intimamente aos serviços de saúde pública, ou de assistência à população. Essa fato é pontuado por Santos, Casarini e Dias (2024), quando mencionam que a partir da análise da demanda apresentada (sintomas psicóticos, vulnerabilidades psicossociais, necessidade de atendimentos jurídicos) eram feitos os encaminhamentos adequados, que eram serviços que iam além do PP. Eram também ressaltados serviços complementares, como os voltados para idosos, mulheres e crianças. Uma experiência similar é vivida por Barbosa e Casarini (2021), quando falam sobre a “disponibilidade social”.

O proceder dos plantonistas foi parecido com o exposto por Santos, Casarini e Dias (2024). Os plantonistas identificavam a demanda, e seguiam com as orientações sobre os serviços de saúde e/ou assistência mais indicados para os pacientes. Vieira e Romagnoli (2022) também tiveram a vivência dos encaminhamentos em sua prática, já que para eles tornou-se essencial os conhecimentos e habilidades a cerca de compreender quais encaminhamentos eram mais adequados, e como encontrar e mapear as redes de apoio. Essa prática gera intersecção com outro tema, a clínica ampliada.

Conforme já exposto, a clínica ampliada expande o olhar para questões sociais e culturais, construindo ações que visem a promoção de saúde; ações que transcendam a ideia de uma psicologia clínica tradicional, que acontece apenas em consultório, promovendo ainda um movimento de autodeterminação e de não passividade (Durange; Cordeiro, 2013). Para Vieira e Romagnoli (2022), se fez necessário uma prática de clínica ampliada, que incluísse vivências específicas, de pessoas fragilizadas e excluídas. Braga *et al.* (2019), corroboram com essa visão pontuando que a experiência dos estagiários no PP os impeliu a adotar uma postura que compreendesse as esferas que influenciaram o sofrimento daquelas pessoas, que eles fossem além de um olhar intrapsíquico.

Ou seja, foi necessário adotar o olhar da clínica ampliada como forma de melhor atender esses pacientes, e serem coesos com a proposta do PP. A concepção da clínica ampliada pontua que o paciente deve fazer parte do seu processo e não ser excluído dele. Às vezes essa exclusão acontece por que o paciente não conhece a linguagem usada pelos

profissionais da saúde. Nesse caso, ela precisa ser adaptada para que o paciente se aproprie dela. Essa habilidade foi colocada em prática por Alexandre, Nascimento e Chiodi (2021), e Barbosa e Casarini (2021). Os autores “traduziram” nas palavras dos pacientes, por exemplo, os objetivos do PP, o que são serviços de psicologia, encaminhamentos médicos; para onde seriam os encaminhamentos e por que. Além disso, Alexandre, Nascimento e Chiodi (2021) compreenderam qual a melhor forma de divulgar o PP, para que a comunidade de fato entendesse a sua proposta e viesse para os atendimentos.

Todo esse cenário faz com que os acadêmicos precisem ter conhecimento sobre os serviços de saúde pública e assistenciais, já que muitos dos encaminhamentos são direcionados para esses serviços ou para serviços complementares. Além disso, também se fez importante compreender quando não havia a necessidade de encaminhamentos (Santos; Casarini; Dias, 2024). Um fato importante a ser destacado é a pluralidade de demandas encontrada pelos estagiários no PP. Durange (2019), já havia exposto esse ponto e encontrou-se outros autores que corroboram com o pensamento dele.

Barbosa e Casarini (2021), por exemplo, pontuam diversas demandas que os estagiários encontraram em seus atendimentos. Foram elas: morte, luto, medo, insegurança, preocupação, ideação e tentativa de suicídio, assuntos envolvendo maternidade e relacionamentos. Toda essa demanda diversa e inesperada pode ser ansiogênica para o acadêmico, que sente, além da ansiedade, mais uma série de sentimentos. Alguns dos artigos encontrados apresentaram as emoções mais comuns: angústia, medo, insegurança, preocupação, tensão, incômodo, cansaço, frustração, dúvidas, intimidação, sentimento de incapacidade e impotência (Bezerra; Moura; Dutra, 2021; Moretto; Nukui; Antunes, 2024; Macêdo; Nunes; Duarte, 2021; Vieira; Romagnoli, 2019; 2022; Vieira; Silva, 2022; Vieira, 2019; Braga *et al.*, 2019).

Entre esses atravessamentos surgiu a dificuldade, por parte dos estagiários, em falar sobre certos assuntos, como a morte e estar próximo a sentimentos intensos de sofrimento, como em ambientes hospitalares (Braga *et al.*, 2019). Porém, sentimentos prazerosos também foram experienciados, conforme pontua Vieira (2019). Segundo o autor, apesar dos encontros intensos, e que podem desestabilizar os acadêmicos, perceber a potência humana em meio a tanta dor, foi revigorante para os estagiários. Vieira e Romagnoli (2022) pontuam sentimentos e sensações prazerosas, por parte dos estagiários, como: sentirem-se úteis, admiração pelo paciente, estima, sentimentos de realização e bem-estar, esperança, leveza, realização, prazer em poder oferecer serviço psicológico a uma população que normalmente não têm acesso, e também por poderem atuar no PP (Vieira; Romagnoli, 2022; Vieira, 2019).

Alguns acadêmicos passaram por uma experiência extraordinária em seus atendimentos, a pandemia da COVID-19, que foi melhor explicada abaixo. Entendeu-se que pelo contexto extraordinário, era necessário fazer uma divisão e correlação entre as diferenças e semelhanças encontradas entre os atendimentos presenciais e *online*, além de fazer um panorama sobre como se constituíram esses atendimentos, que aconteceram durante a COVID-19.

4.2.1 Atendimentos na Pandemia da COVID-19

A pandemia, que iniciou em 2019 e teve seu fim declarado em 2023, segundo a OPAS (Organização Pan-Americana de Saúde) foi um acontecimento extraordinário, que colocou os plantonistas em situações antes não experienciadas. Segundo Bezerra, Moura e Dutra (2021), o cenário de incertezas e intensificação do sofrimento psicológico fez com que a psicologia precisasse atualizar a sua prática e saberes. Nesse sentido, as tecnologias foram instrumentos potentes. Para as autoras, a imprevisão de retorno das atividades, somado ao medo da contaminação, restrições sociais e de lazer, a necessidade de uma rápida adaptação nas tarefas domésticas, de trabalho e escolares, que foram abruptamente interrompidas, e o confinamento, impactaram negativamente a saúde mental das pessoas.

Essa experiência suscitou alguns desafios para os plantonistas, principalmente em relação às tecnologias. A falta de conexão adequada, interrupções, falta de um lugar adequado para ser atendido (por parte do paciente); a dúvida se o silêncio era por que o paciente estava elaborando uma vivência ou se era uma falha da conexão com a *internet*, foram levantados por Bezerra, Moura e Dutra (2021). Ortolan e Sei (2021) também tiveram uma vivência semelhante às intercorrências com a tecnologia.

Segundo elas, essa forma de atendimento também solicita ao acadêmico um preparo antes da sessão, como orientar os pacientes como seriam os atendimentos, gerar o *link* de acesso, além das orientações de estarem em um lugar privado, confortável e com uma conexão de *internet* adequada. Outras intercorrências também aconteceram, como pacientes que não estavam com o celular ou notebook carregados, câmeras e microfones não habilitados, além da presença da família em casa, o que impactava na privacidade dos atendimentos (Ortolan; Sei, 2021). Algumas adaptações também precisaram ser feitas, em relação aos agendamentos.

Neste caso, os agendamentos eram feitos antecipadamente, por meio de um formulário, no qual constava o horário e dia para que o atendimento fosse realizado. Essa

dinâmica foi implementada devido a especificidade que estava se vivendo naquele momento, porém, conforme pontuam Bacellar, Rocha e Flôr (2013), o PP mantém-se como uma prática que se inova a todo momento, não se colocando em um lugar de cristalização, mas ao mesmo tempo mantendo-se fiel a suas raízes. Para as autoras, engessar o PP é colocá-lo na mesma situação onde algumas abordagens estão, na impossibilidade da evolução, pois prendem-se a uma abordagem tradicional, que esqueceu-se, em alguns momentos, de mutar-se e olhar para a contemporaneidade.

Apesar dessas dificuldades, Ortolan e Sei (2021) concordam que o uso da tecnologia teve pontos interessantes, já que sem ela, muitas pessoas não teriam acesso a um atendimento psicológico, em um momento tão crítico quanto era o da pandemia, além da necessidade dos psicólogos em se adaptarem ao uso delas. Uma outra desvantagem foi apontada por Bezerra, Moura e Dutra (2021), ao referirem que muitas vezes a opção do atendimento *online* parecia tirar algumas amarras dos pacientes, fazendo com que se abrissem mais, como se o atendimento virtual rompesse com algumas resistências.

Devido a isso, muitas vezes os acadêmicos percebiam que estavam acessando temas que não haviam se deparado antes, ou que não tivessem domínio. Outra dificuldade atrelada a essa modalidade de atendimento foi a dificuldade em manejar o silêncio e o choro dos pacientes (Ortolan; Sei, 2021). Segundo as autoras, dois acadêmicos relataram essa dificuldade, que para elas é intrínseca ou amplificada pela característica do atendimento online, e a falta da presencialidade. A auto afetação também apareceu nos atendimentos, assim como a angústia e dificuldade em lidar com os temas luto e morte; sentimentos intensos, angústia e preocupação.

Além disso, a necessidade do conhecimento e realização dos encaminhamentos também aconteceu, assim como no PP presencial (Ortolan; Sei, 2021). Alguns aprendizados com essa prática também foram pontuados, como o maior domínio dos meios de atendimentos virtuais e das tecnologias (Ortolan; Sei, 2021); maior capacidade de articulação da teoria com a prática e escrita acadêmica; maior maturidade posteriormente nos atendimentos realizados; e a compreensão da necessidade de uma formação acadêmica mais abrangente, que amplie seu olhar não apenas para o contexto social, mas também financeira, que compreenda que saúde está atrelada a moradia, oportunidades de trabalho e convivência social (Moretto; Nukui; Antunes, 2024).

Essas experiências, segundo Ortolan e Sei (2021) contribuem para aperfeiçoar a formação dos acadêmicos, em relação aos atendimentos *online*. As autoras finalizam dizendo que além da contribuição da formação acadêmica, o PP *online* contribui para a prática e

reflexão de atendimentos em situações de catástrofes e eventos de grande magnitude. Para Bezerra, Moura e Dutra (2021), o PP *online* mostra-se uma clínica contemporânea e comprometida com uma sociedade ou realidade, que muda a todo momento, que é atravessada a cada instante por sofrimentos e dificuldades.

Conforme pontuam Santos, Casarini e Dias (2024), inserir o acadêmico de psicologia em estágio em PP, permitiu que estes se dessem conta das exigências teóricas e práticas que a psicologia exige, contribuindo para a sua formação. Para os autores, o estágio em PP se mostrou um espaço pujante de articulação entre saberes teóricos e práticos, além de fomentar a reflexão e busca de novos conhecimentos. Especificamente no PP *online*, Bezerra, Moura e Dutra (2021) pontuam que apesar das dificuldades, estar no estágio em PP contribui para a formação acadêmica dos alunos. Para Macêdo, Nunes e Duarte (2021), inserir os acadêmicos das fases iniciais no estágio em PP proporcionou uma diminuição das inseguranças e dificuldades sentidas no último ano da faculdade. Além disso, desenvolveram estratégias de intervenções psicológicas e a transposição de uma grade curricular, majoritariamente teórica.

Ortolan e Sei (2021), também corroboram com as pontuações dos autores acima mencionados. Com base no exposto, é possível compreender que o estágio em PP, seja presencial ou virtual, traz contribuições significativas para os acadêmicos de psicologia. O estágio no PP na pandemia trouxe novos desafios antes não experienciados no PP presencial, mas foi possível encontrar similaridades entre a presencialidade e os atendimentos virtuais, como por exemplo, a necessidade do conhecimento acerca dos encaminhamentos, sentimentos e sensações incômodas por parte dos estagiários, auto afetação e necessidade de flexibilização.

Existem dificuldades na prática do PP, seja no formato presencial ou *online*, que exigem diversas habilidades do estagiário. Assim sendo, o PP é uma ótima oportunidade para o desenvolvimento de habilidades essenciais para o futuro profissional da psicologia. Nessa seara, ele estará em contato com uma prática psicoterapêutica em desenvolvimento e com grande plasticidade, alinhado com as constantes mudanças sociais, políticas e psicológicas.

4.3 DESCREVER DISTINÇÕES ENTRE OS ATENDIMENTOS EM PLANTÃO PSICOLÓGICO E PSICOTERAPIA.

Quadro 4 – Descrever distinções entre os atendimentos em plantão psicológico e psicoterapia.

Título	Autor	Ano de publicação	Descrição dos resultados
--------	-------	-------------------	--------------------------

Plantão da acolhida: um dispositivo de acolhimento ao outro	SANTOS, Gustavo Alvarenga Oliveira; CASARINI, Karin Aparecida; DIAS, Fabiana Carolina de Souza Carvalho	2024	Para os autores o PP trouxe muitos benefícios à comunidade atendida, porém, em relação à psicoterapia tradicional, encontraram uma desvantagem.
Plantão psicológico no referencial do psicodrama: encontro com a subjetividades desviantes	VIEIRA, Érico Douglas; SILVA, Fernanda Gonçalves da	2022	Para Mahfoud (2012 apud Vieira; Silva, 2022), a diferença fundamental entre o PP e a psicoterapia, considerada a intervenção clínica mais popular, seria o foco nas urgências e emergências, por parte do PP, e a não necessidade de estar atrelado a um processo psicoterapêutico de longo duração.
A clínica psicológica como um espaço de desvelamento das desigualdades sociais	VIEIRA, Érico Douglas; ROMAGNOLI, Roberta Carvalho.	2022	Para os autores, o PP implica algumas ações que, comumente, não acontecem na psicoterapia.
Acolhimento psicológico com sujeitos marginalizados: tensões entre o tradicional e o instituinte	VIEIRA, Érico Douglas; ROMAGNOLI, Roberta Carvalho	2019	Para os autores foi necessário criar estratégias que fossem além das que foram herdadas da psicoterapia. Se fez necessário desapegar-se de modelos tradicionais da psicoterapia, que não eram possíveis de serem aplicados ao público atendido pelos plantonistas.
Ausência como urgência: o Plantão Psicológico em situações de perdas e luto	MOREIRA, Glendha; DANTAS, Jurema Barros; DUTRA, Adryssa Bringel	2022	Para as autoras, o PP apresenta alguns pontos diferentes em relação à psicoterapia.
Plantão Psicológico Gestáltico - A Escrita de uma Experiência	SOARES, Luciana Loyola Madeira	2020	A autora defende que as práticas que se baseiam em um único atendimento precisam ser mais valorizadas, principalmente em um contexto onde a psicoterapia é uma prática hegemônica.

Fonte: elaborado pela autora (2025).

Conforme já exposto, o PP não pretende substituir a psicoterapia e nem a psicoterapia substituí-lo. O PP também não é uma intervenção “pré” terapia, ou seja, a sua finalidade não é a de ser um espaço preparatório para ela (Tassinari, 2019). Na verdade, conforme aponta Durange (2019), é possível que haja um elo entre a psicoterapia e o PP, de forma que psicólogo e cliente decidam juntos, qual a intervenção mais adequada naquele momento (Tassinari, 2019). Isso é importante de ser destacado, já que o objetivo deste capítulo não é

delimitar qual intervenção é “melhor ou pior”, mas sim distinguí-las para que seja possível compreender que apesar da psicoterapia ser a intervenção mais popular, conforme aponta Mahfoud (2012 apud Vieira; Silva, 2022, p. 2), outras intervenções que se diferem dela são tão válidas e importantes quanto.

Foi comum encontrar nos artigos trazidos no quadro 4, conceitos como psicoterapia ou psicologia tradicional, para se referirem de forma direta à psicoterapia; ou literatura tradicional, para se referir de forma indireta a ela, ou seja, a literatura dita como tradicional, foi a base teórica que constituiu a psicoterapia. É válido destacar que a psicologia vem em uma crescente de criar novas práticas e referências que fujam de práticas tradicionais, muitas vezes elitistas e patologizantes, conforme corroborado pelos autores como Vieira e Silva (2022); Vieira e Romagnoli (2019, 2022); Além de estar-se voltando para temas que comumente não tinham visibilidade, a psicologia também vem se posicionando de forma mais efetiva a favor das minorias.

Esse fato é corroborado pelas referências técnicas que foram lançadas recentemente pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP), como por exemplo: Referências Técnicas para Atuação de Psicólogas(os) em Políticas Públicas para a população em situação de rua”; Referências Técnicas para Atuação de Psicólogas(os) junto aos Povos Quilombolas; Referências Técnicas para Atuação de Psicólogas (os) em Políticas Públicas de Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos; e Referências Técnicas para Atuação de Psicólogas(os) no atendimento às mulheres em situação de violência (2ª edição), todas lançadas no ano de 2025.

Porém, algumas influências da psicologia tida como tradicional ou clássica, ainda estão presentes, seja no fazer do psicólogo ou nas grades curriculares dos cursos de graduação, conforme aponta Soares (2020). Outro ponto elencado, a respeito da formação tradicional, é a ideia de uma personalidade ou subjetividade absoluta, associada somente a temas familiares ou individuais, que desconsidera a influência de questões sociais e históricas como de extrema relevância para o processo do indivíduo (Vieira; Romagnoli, 2022).

Vieira e Romagnoli (2022) afirmam a necessidade de existir uma ruptura ou cisão, da tradicional divisão entre a sociedade e subjetividade, que segundo os autores, ainda é presente na psicologia. “Pode ser que tal cisão não esteja presente de forma explícita em suas teorias e normativas, mas este aspecto pode atuar de forma sutil, e nem por isso menos eficaz, nas práticas clínicas realizadas com as pessoas excluídas” (Vieira; Romagnoli, 2022, p. 14).

Optou-se por elencar abaixo, de forma discriminada, as diferenças que essas duas intervenções têm entre si, pois entende-se que dessa forma privilegia-se a organização das informações e melhor compreensão. Algumas destas distinções já foram trazidas ao longo

deste trabalho, seja de forma direta ou indireta. No tópico abaixo pretendeu-se detalhar algumas características que merecem melhor atenção, que foram elencadas e destacadas pelos autores citados no quadro acima. São elas: os atendimentos na urgência psicológica; a relação entre encaminhamentos, triagem e a demanda inesperada; redes de apoio, clínica ampliada e filas de espera; e a ligação entre o *setting* terapêutico, vínculo e processos psicológicos.

4.3.1 Atendimentos na urgência psicológica: demanda, triagem e encaminhamentos

A primeira distinção que pode ser trazida em relação a psicoterapia e o PP, é que o PP se caracteriza por esse espaço de atendimento de urgência⁶ ou emergência psicológica, intimamente ligado à necessidade do cliente, naquele momento (Vieira; Silva, 2022; Vieira; Romagnoli, 2022; Moreira; Dantas; Dutra, 2019). Até mesmo é possível fazer um paralelo entre a palavra “urgência” e o livro intitulado “Plantão e a clínica da urgência psicológica”, tendo Tassinari e Durange como seus organizadores.

Para Tassinari e Durange (2019), o PP é considerado uma clínica da urgência psicológica, já que se dá majoritariamente entrelaçado a esse tipo de atendimento. A respeito disso, tanto Mahfoud (2012 apud Vieira; Silva, 2022) quanto Vieira e Romagnoli (2022), complementam dizendo que a principal diferença entre essas duas intervenções, a psicoterapia e o PP, é que o PP foca nas urgências, e não se baseia em uma escuta processual, ou seja, uma escuta que se baseia em etapas ou continuidade futura.

Já a psicoterapia tem uma relação diferente com a ideia das urgências ou do imediato, pois necessita, genericamente, de agendamentos prévios, e em algumas situações, encaminhamentos (Moreira, Dantas e Dutra, 2022), já existindo neste momento uma inflexibilidade entre o atendimento da necessidade imediata do cliente. O PP, por outro lado, não exige agendamentos prévios (Moreira; Dantas; Dutra, 2022), na verdade, a não exigência se caracteriza por uma de suas características basais (Tassinari, 2013; Rocha, 2019). A necessidade do agendamento também suscita outro ponto, o atendimento do inesperado. Na psicoterapia muitas vezes existe uma triagem da demanda, ou seja, o psicólogo já possui uma ideia da demanda inicial, o que pode ajudá-lo a prever, de alguma forma, os atendimentos. No PP isso não acontece, já que os atendimentos são imediatos, não existindo a triagem (Moreira; Dantas; Dutra, 2022), a não ser em casos muito específicos (Rocha, 2019).

⁶Neste trabalho optou-se por usar a expressão “urgência psicológica” conforme orientado por Tassinari e Durange (2019), já que “emergência” pode aludir a um modelo médico ou hospitalar, e urgência refere-se aquilo que emerge, sem necessariamente estar relacionado a um modelo biomédico.

Nesse sentido, talvez seja possível compreender a psicoterapia como esse lugar mais confortável, conforme apontam Moreira, Dantas e Dutra (2022). Para elas, a atuação no PP faz com que a identidade do psicólogo seja moldada por aspectos da urgência e do inesperado, e que são características fundamentais do PP. Nesse sentido Vieira e Romagnoli (2019, p. 119), pontuam: “O plantão psicológico, diferentemente de uma psicoterapia processual, presta um cuidado pontual, convocando o plantonista a inventar ações singulares diante do inesperado”.

4.3.2 Clínica ampliada e as filas de espera

Outra distinção encontrada é a relação do PP com a clínica ampliada e as filas de espera. Pensar em psicoterapia não é apenas pensar em atendimentos particulares, apesar de geralmente serem ligados um ao outro. A psicoterapia também pode ser encontrada na rede pública de saúde ou em clínicas-escolas, por exemplo. Em relação aos atendimentos gratuitos, autores como Moreira, Dantas e Dutra (2022); Santos, Casarini e Dias (2024); Vieira, Romagnoli (2022), apontam as filas de espera como grande entrave para o acesso a esse atendimento. Cabe lembrar que o próprio PP, tendo por objetivo a diminuição das filas de espera, é uma alternativa para esses pacientes que ficavam aguardando por longos períodos (Tassinari *et al.*, 2019).

Moreira, Dantas e Dutra (2022, p. 11) destacam essa como uma característica que diferencia o PP da psicoterapia, já que a escuta qualificada oferecida não gera filas de espera.

“Além disso, o usuário que busca ajuda diante de tal circunstância é atendido prontamente sem passar pela espera que, em geral, ocorre em um contexto de clínica tradicional”. O tema filas de espera gera um paralelo com outro tema, a clínica ampliada. O PP possui compromisso social desde a sua gênese. Não é atoa que esse é um tema que aparece tanto em autores expoentes do tema, referenciados neste trabalho.

Esse compromisso social abarca atender populações que muitas vezes não têm acesso a serviços psicológicos, promovendo ainda autonomia das mesmas, busca de rede de apoio, e encaminhamentos para outros serviços que se façam necessários (Moreira; Dantas; Dutra, 2022). Vieira e Romagnoli (2022) partilham desse mesmo ponto de vista, até mesmo por que para eles, o PP oferece algumas ações, que de forma geral, não são oferecidas na psicoterapia, como por exemplo o mapeamento das redes de apoio ou outros serviços que sejam necessários. Esses pontos de vista vão ao encontro do pensamento de Durange e Cordeiro

(2013), quando apontam a relação do PP com a atenção primária, secundária e terciária de saúde, sua característica natural de promoção e prevenção de saúde.

4.3.3 O *setting* terapêutico, vínculo e a duração das intervenções psicológicas

Conforme visto ao longo deste trabalho, a ideia do *setting* terapêutico da psicoterapia se difere do PP, seja pela sua plasticidade ou pela duração das sessões. Porém, esse *setting* diferenciado não altera a criação do vínculo terapêutico, conforme já explicitado por Rogers (1997); Tassinari e Durange (2019). Essa dinâmica rompe com a ideia de que o vínculo só é criado a partir de um longo período em atendimento, ou um acompanhamento regular (Moreira; Dantas; Dutra, 2022).

Vieira e Silva (2022), também corroboram com a ideia da não necessidade de um processo terapêutico de longa duração, como sinônimo de uma prática psicológica efetiva e significativa. Os autores ainda ressaltam que o vínculo é uma condição crucial para o fazer do psicólogo e sucesso do processo terapêutico. O *setting* se torna flexível assim como o PP, atendendo diferentes demandas e públicos, podendo ainda ser realizado em grupos ou de forma individual, indo muitas vezes além de lugares já conhecidos pela psicologia ou tradicionais (Moreira; Dantas; Dutra, 2022).

Em sua prática discente, Vieira e Romagnoli (2022) ressaltam que os plantonistas problematizaram o *setting* terapêutico, refletindo sobre ele. Apesar de terem um espaço destinado exclusivamente ao PP, perceberam que muitas vezes o atendimento teria de ir até as pessoas e não o contrário. Houve momentos em que a escuta aconteceu no pátio de convivência. O objetivo era estar aberto a novas formas de escuta, e se desvencilhar da postura do “especialista”, além de estar em contato com um lugar menos confortável, ou seja, longe da segurança que o consultório proporciona.

Porém, Moreira, Dantas e Dutra (2022) ressaltam algo importante, compreendem a singularidade de cada indivíduo, e compreendem que muitas vezes existe a necessidade de encaminhamento para a psicoterapia regular, ou seja, indivíduos que possam se beneficiar com um *setting* terapêutico mais característico dessa intervenção. Uma visão parecida é compartilhada por Santos, Casarini e Dias (2024), que concordam que o PP oferece benefícios para a comunidade onde está inserido, porém, encontra uma desvantagem em relação a psicoterapia tradicional, já que existem pacientes que necessitam de um acompanhamento contínuo.

Algo interessante também a esse respeito, é o apontando por Vieira e Silva (2022) que sinalizam que na sua experiência, tiveram pacientes que frequentaram o PP regularmente, o que pode indicar a necessidade da regularidade dos atendimentos. A respeito disso, Wechsler (2024) pontua que pacientes com quadros mais graves, devem ser atendidos em um modelo mais tradicional, onde haja uma continuidade dos atendimentos, como a psicoterapia de longa ou curta duração. Porém, ainda assim vê o PP como um espaço relevante, e conclui dizendo que mesmos os pacientes com demandas psicopatológicas avaliaram a experiência no PP como positiva.

Soares (2020) parte de um ponto de vista interessante, em relação a continuidade dos atendimentos. Para ela, os acadêmicos de psicologia são incentivados a pensar que todas as pessoas se beneficiam de um atendimento de longa duração, ou que quando procuram um atendimento psicológico, procuram necessariamente a psicoterapia. Para ela, esse movimento faz com que pacientes que não se adaptam a esse tipo de atendimento, não sejam incluídos em atendimentos psicológicos. A questão acadêmica é pontuada também por Vieira e Romagnoli (2019), quando discutem a necessidade de se criar novos modelos de atendimento psicológicos, já que os modelos tradicionais da psicoterapia não sustentam o atendimento de alguns públicos marginalizados, como moradores de rua, por exemplo.

Devido a isso, segundo os autores, é necessário urgentemente a criação de uma outra prática clínica, que tenha novas concepções para sustentarem outras práticas. Neste tópico foi possível compreender que o PP e a psicoterapia possuem diferenças substanciais. Parece haver um consenso entre os autores sobre a necessidade de uma nova psicoterapia, que afaste-se de certas concepções tradicionais, que não compreendem o homem com um ser sócio histórico; que não inclui pessoas que não se adaptam ao modelo da psicoterapia, e que não está atrelada a demandas contemporâneas. Porém, essa crítica não desmerece a psicoterapia enquanto intervenção psicológica, até mesmo por que para muitas pessoas, ela parece ser alternativa mais apropriada do que o PP.

Como reforçam Vieira e Romagnoli (2019), não é uma questão de desqualificar o que já está instituído, como se fosse em alguma medida algo danoso, mas sim, compreender a necessidade de que intervenções já instituídas precisam se reinventar. “Devemos lembrar que a clínica tradicional já foi um dia instituinte e sem esses novos impasses estaria arcaica e estática” (Vieira; Romagnoli, 2019, p. 124).

Conforme já destacado, o CFP parece vir em uma crescente de afastar-se de modelos tradicionais e excludentes, para estar alinhado com práticas mais amplas, despatologizantes, considerando as demandas contemporâneas. Neste sentido, tanto a psicoterapia quanto o PP

são práticas potentes e necessárias, que estão em constante evolução. Mesmo distintas, em alguns pontos, reforçam a potência dos atendimentos psicológicos e a relevância da psicologia e dos psicólogos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve por objetivo caracterizar a configuração do plantão psicológico como prática psicoterapêutica, a partir de publicações científicas dos últimos cinco anos, e nessa linha, trazer alguns temas relevantes que o configuram. O estudo do PP apresenta relevância tanto acadêmica quanto, profissional, social e científica, seja pelas contribuições que os atendimentos oferecem ao estagiário que opta por estar no PP, seja ao psicólogo que estará mais alinhado a demandas contemporâneas, de caráter urgente e inesperadas.

Socialmente, o PP fomenta ações de clínica ampliada, autonomia e autodeterminação nas comunidades onde insere-se, sendo ainda uma potente ferramenta de diminuição de sofrimento. Cientificamente, o PP representa a produção de conhecimento de um tema social, acadêmica e profissionalmente relevante. Como observado de forma genérica pelos autores manejados, o PP é um tema novo que carece de mais publicações. Este fato representa que pesquisar sobre o PP é fomentar pesquisas científicas de um tema emergente e contemporâneo, fato esse que impulsiona ainda mais a produção de conhecimento científico.

Escolheu-se estes objetivos específicos: discorrer acerca da relação entre a ACP e o plantão psicológico; identificar contribuições do estágio em plantão psicológico para a formação do acadêmico de psicologia; e descrever distinções entre atendimentos em plantão psicológico e psicoterapia, pois entendeu-se que esses três objetivos específicos apresentavam as características necessárias para configurar esse campo. Por meio deles foi possível compreender aspectos importantes sobre a sua constituição, até mesmo por que os objetivos específicos interseccionaram-se com outros temas e particularidades do PP.

Com o primeiro objetivo específico foi possível compreender como o PP se constituiu e constitui ainda nos dias de hoje, quais abordagens teóricas estão sendo manejadas e quais as visões teóricas psicológicas que pairam sobre ele. No segundo objetivo específico, utilizando-se os relatos de experiência, foi possível compreender como o PP está acontecendo na prática, como vem sendo manejado, ensinado e aprendido no dia a dia dos atendimentos. Já com o terceiro objetivo, foi possível compreender o PP por outro prisma, por meio de características que talvez não apareceriam, se a distinção com outra intervenção não fosse proposta.

Outros pesquisadores talvez possam compreender que a configuração do PP possa focar em outros temas. Nesse sentido, enseja-se que este trabalho seja promotor de novas pesquisas, que outros pesquisadores busquem compreender o tema e propor novas formas de olhá-lo. Com os resultados obtidos, foi possível compreender a ACP como uma abordagem

relevante para o PP, na qual outras se baseiam. Apesar das constantes mudanças, os pressupostos do PP ainda continuam tendo uma relação intrínseca com ACP, tendo sido o humanismo Rogeriano crucial na base constituinte do PP, e mostra-se importante atualmente, seja nos atendimentos que o manejam diretamente ou na sua ligação com outras abordagens.

Apesar dessa ligação, outras abordagens também ofereceram resultados. Essas novas abordagens vêm galgando espaço nos atendimentos e merecem mais pesquisas a respeito, já que parecem enriquecer ainda mais a prática do PP. Dessa forma, o PP se mostra uma intervenção aberta a outras abordagens que também ofereceram resultados. Nesse sentido, a premissa de que o PP deve ser um espaço flexível e aberto a novos conhecimentos permanece.

As contribuições do estágio em PP ao acadêmico de psicologia mostraram-se um desafio enriquecedor e relevante para a formação do futuro psicólogo. Essas contribuições podem ser um dos motivos pelos quais a maioria dos artigos encontrados nesta pesquisa foi neste contexto. Lidar com o inesperado, assuntos e reações intensas podem ter causado desconforto, mas se mostraram, ao final, parte do processo, contribuindo para o aprendizado dos acadêmicos e uma etapa necessária neste âmbito.

Além disso, os acadêmicos desenvolveram inúmeras habilidades como: escuta qualificada e empática; postura acolhedora; manejo de situações adversas, imprevisíveis e de crise; postura terapêutica; compreensão a respeito da aplicação de teoria e prática e a intersecção entre elas; conhecimento sobre encaminhamentos médicos, assistenciais ou jurídicos; conhecimento sobre políticas públicas; desenvolvimento de vínculo terapêutico e linguagem apropriada para falar com os pacientes; localização de redes de apoio; postura crítica; adaptabilidade de técnicas; flexibilidade nos atendimentos e regulação emocional.

As distinções entre os atendimentos em PP e psicoterapia mostram a sua relevância em poder caracterizar a prática do PP por outra ótica, mas também por oportunizar a possibilidade de que as modalidades de atendimentos fiquem mais claras. Essa oportunidade faz com que tanto professores quanto acadêmicos possam ter clareza a respeito dessas duas formas de atendimento e refletir sobre as limitações e potencialidades de cada uma delas, bem como acerca de sua implementação. As distinções aludem a muitos pontos, mas aquilo que se mostrou mais observável foi a relação com os atendimentos de urgência psicológica.

Devido a não necessidade de agendamentos prévios, a demanda inesperada e a busca espontânea por parte do paciente, o PP relaciona-se de forma direta com atendimentos de urgência psicológica. Já a psicoterapia, pela sua necessidade de agendamentos prévios e contato inicial com o paciente antes da primeira sessão, mostra-se como um espaço mais

estável e pré-determinado. Além disso, o PP oferece atendimentos pontuais, enquanto a psicoterapia trabalha com processos de maior duração.

Outras distinções também foram elencadas, como a relação com as filas de espera, clínica ampliada e o *setting* terapêutico. A psicoterapia, em algumas situações, tende a gerar mais filas de espera do que o PP, que por sua vez, parece ser uma ferramenta para a diminuição destas. O PP também parece estar mais alinhado a clínica ampliada, tendo ligação direta com serviços públicos de saúde e assistência, e uma relação central com redes de apoio e encaminhamentos necessários para outros serviços. O PP, com sua característica plasticidade, tende a ter *settings* terapêuticos mais dinâmicos, que se adaptam à realidade onde ele é realizado.

Essa adaptação pode acontecer em função de que o atendimento pode ser realizado em lugares onde não é comum que sejam oferecidos, não havendo um *setting* pré-determinado ou conhecido. A psicoterapia se apropria mais do *setting* tradicional e menos dinâmico, que já possui uma estrutura pré-determinada e conhecida; a existência de um consultório tende a se fazer indissociável desta prática. A metodologia escolhida, pesquisa bibliográfica com abordagem exploratória e descritiva e análise qualitativa dos dados, foi adequada para observação dos dados encontrados e conclusão do trabalho.

Por meio dessa metodologia foi possível encontrar os dados, e substancialmente, aumentou-se o conhecimento teórico acerca do tema, justamente em função de o material pesquisado haver sido publicações atualizadas. Como sugestão de pesquisas futuras, o tema que poderia ser explorado é a relação dos pacientes com o PP: como foi a sua experiência, quais contribuições ou limitações encontraram nele. Além disso, acredita-se ser relevante estudos e/ou práticas da parceria que pode haver entre o PP e a psicoterapia.

Em determinado momento essa possibilidade já foi apontada, porém talvez esse tema pudesse ser melhor explorado, já que essa colaboração pode trazer mais benefícios para pacientes, discentes e docentes, e quem sabe, pode fomentar uma nova intervenção psicoterapêutica. Uma outra direção de pesquisa pode surgir mediante a COVID-19 e os atendimentos em PP.

É possível pensar a respeito das mudanças a curto, médio ou longo prazo que esses atendimentos em tempos de pandemia geraram, ou ainda, quais novas práticas podem surgir a partir da vivência nesses plantões em específico. O PP se evidencia como uma tecnologia brasileira, uma intervenção que se adaptou e constantemente vem se moldando às necessidades da sua população e especificidade do seu país. Uma intervenção que desde a sua

gênese teve profissionais sensíveis às demandas brasileiras, e a partir de todo o conhecimento adquirido, criaram algo novo e pujante.

Espera-se que esse movimento não seja esquecido e que possa ser aperfeiçoado e estudado futuramente. Que a psicologia não esqueça do seu papel e da sua potência, enquanto profissão, intervenção, ciência, e fomentadora de mudanças significativas e necessárias, que é.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Ana Clara Siena; NASCIMENTO, Ananda Kenney da Cunha; CHIODI, Sofia Lira. **A psicologia na atenção básica**: fortalecendo o vínculo com a comunidade. 2021. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1280712>. Acesso em: 07 set. 2025.

ARAUJO, Anderson Barbosa de *et al.* Avaliando o plantão psicológico: percepção dos plantonistas e da equipe pedagógica. In: SOUZA, Sandra; SILVA FILHO, Francisco Bento da; MONTENEGRO, Liana Aparecida de Andrade. **Plantão psicológico**: ressignificando o humano na experiência da escuta e acolhimento. Curitiba: Crv, 2015. Cap. 10. p. 209-241.

BACELLAR, Anita; ROCHA, Joana Simielli Xavier; FLÔR, Maira de Souza. Plantão psicológico e consulta psicológica: um diálogo necessário para a inserção da psicologia na saúde privada. In: TASSINARI, Marcia Alves; CORDEIRO, Ana Paula da Silveira; DURANGE, Wagner Teixeira (org.). **Revisitando o plantão psicológico centrado na pessoa**. Curitiba: Crv, 2013. Cap. 8. p. 159-176.

BARBOSA, Fabio; CASARINI, Karin Aparecida. **Intervenções em plantão psicológico humanista-fenomenológico**: pesquisa em serviço-escola. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/xpJr3WzD95pqKD6gVqpY8QG/?lang=pt#c1>. Acesso em: 04 set. 2025.

BRITO, Rosa Angela Cortez *et al.* **A Psicoterapia Infantil no Setting Clínico**: uma revisão sistemática de literatura. 2020. Disponível em: <https://research.ebsco.com/c/bg3j7a/search/details/rgypkves55?db=afh%2Cfoh%2C22h%2Cteh%2Ccmdc&limiters=FT%3AY&q=setting%20psicoterapia&searchMode=boolean>. Acesso em: 20 out. 2025.

BEZERRA, Cíntia Guedes; MOURA, Kilvia Pereira; DUTRA, Elza. **Plantão psicológico on-line a estudantes universitários durante a pandemia da COVID-19**. 2021. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912021000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 04 set. 2025.

BRAGA, Tatiana Benevides Magalhães *et al.* **Experiências de estagiários em plantão psicológico em hospitais**: formação e ação clínica. 2019. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1003119>. Acesso em: 07 set. 2025.

DURANGE, Wagner Teixeira; CORDEIRO, Ana Paula da Silveira. Plantão psicológico: dimensão pós-clínica, uma psicologia da saúde. In: TASSINARI, Marcia Alves; CORDEIRO, Ana Paula da Silveira; DURANGE, Wagner Teixeira (org.). **Revisitando o plantão psicológico centrado na pessoa**. Curitiba: Crv, 2013. Cap 4. p. 83-98.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Referências técnicas para atuação de psicólogas(os) em políticas públicas de direitos reprodutivos.** 1ª edição. Brasília: GM editorial, 2025. Disponível em:

https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2025/04/RT_direitos_sexuais_WEB.pdf. Acesso em: 02 de out. 2025

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Referências técnicas para atuação de psicólogas(os) juntos aos povos quilombolas.** 1ª edição. Brasília: GM editorial, 2025.

Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2025/08/RT_quilombola_WEB.pdf. Acesso em: 02 de out. 2025

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Referências Técnicas para Atuação de Psicólogas(os) no atendimento às mulheres em situação de violência.** 2ª edição. Brasília: GM editorial, 2025. Disponível em:

<https://site.cfp.org.br/publicacao/referencias-tecnicas-para-atuacao-de-psicologasos-no-atendimento-as-mulheres-em-situacao-de-violencia-2a-edicao/>. Acesso em: 02 de out. 2025

ESCUTAR. *In*: DICIONÁRIO da língua portuguesa. Lisboa: Priberam Informática, 1998. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/escutar>. Acesso em: 24 mai. 2025.

FARIAS, Arethusa Eire Moreira de. Relato de experiência: a convocação do plantonista no hospital. *In*: SOUZA, Sandra; SILVA FILHO, Francisco Bento da; MONTENEGRO, Liana Aparecida de Andrade (org.). **Plantão psicológico: ressignificando o humano na experiência da escuta e acolhimento.** Curitiba: Crv, 2015. Cap. 9. p. 195-207.

FERNANDES, Maianna Costa; MARINHO, Thayana Maria Olimpio; FARIAS, Arethusa Eire Moreira de. Vestindo o jaleco: o plantão psicológico no hospital universitário Lauro Wanderley. *In*: SOUZA, Sandra; SILVA FILHO, Francisco Bento da; MONTENEGRO, Liana Aparecida de Andrade (org.). **Plantão psicológico: ressignificando o humano na experiência da escuta e acolhimento.** Curitiba: Crv, 2015. Cap. 6. p. 131-155.

FUJISAKA, Ana Paula *et al.* Plantão psicológico em centro-escola: tradições, reinvenções e ruptura. *In*: TASSINARI, Marcia Alves; CORDEIRO, Ana Paula da Silveira; DURANGE, Wagner Teixeira (org.). **Revisitando o plantão psicológico centrado na pessoa.** Curitiba: Crv, 2013. Cap. 3. p. 61-82.

GIL, Antonio C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2022.

E-book. p.163. ISBN 9786559771653. Disponível em:

<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786559771653/>. Acesso em: 26 mai. 2025.

GOMES, Ana Gélica Alves; SOUZA, Sandra. Conhecendo a experiência do plantonista no serviço de plantão psicológico em hospital geral. *In*: SOUZA, Sandra; SILVA FILHO, Francisco Bento da; MONTENEGRO, Liana Aparecida de Andrade (org.). **Plantão psicológico: ressignificando o humano na experiência da escuta e acolhimento.** Curitiba: Crv, 2015. Cap. 7. p. 155-178.

IESS. **Dados assistenciais de saúde suplementar:** edição especial saúde mental. São Paulo: 2024. Disponível em:
<https://www.iess.org.br/sites/default/files/2024-01/EE%20-%20Sa%C3%BAde%20Mental.pdf>
 f. Acesso em: 23 out. 2025.

KRAMER, Peter D. Introdução. In: ROGERS, Carl R. **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 4-17.

LACRUZ, Adonai J.; LEITE, Maria Clara de O. **Organizando projetos de pesquisa:** de forma prática, elaborada e sem complicação. Rio de Janeiro: Editora Alta Books, 2023. E-book. p.89. ISBN 9788550819105. Disponível em:
<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788550819105/>. Acesso em: 26 mai. 2025.

MACÊDO, Shirley; NUNES, Ana Lícia Pessoa; DUARTE, Milena Vitor Gama. **Escuta Clínica, Triagem e Plantão Psicológico em um Serviço-Escola Pernambucano**. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/qQf9rckdQdrsVz4Dtj3GF6b/?lang=pt>. Acesso em: 04 set. 2025.

MAHFOUD, Miguel. Desafios sempre renovados: plantão psicológico. In: TASSINARI, Marcia Alves; CORDEIRO, Ana Paula da Silveira; DURANGE, Wagner Teixeira (org.). **Revisitando o plantão psicológico centrado na pessoa**. Curitiba: Crv, 2013. Cap 1. p. 33-50.

MOREIRA, Glendha; DANTAS, Jurema Barros; DUTRA, Adryssa Bringel. **Ausência como urgência:** o plantão psicológico em situações de perdas e luto. 2022. Disponível em:
https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912022000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 14 set. 2025.

MORETTO, Cybele; NUKUI, Sonia; ANTUNES, Valeria. **Estágio e supervisão em plantão psicológico on-line na pandemia:** desafios a partir da perspectiva fenomenológico-existencial. 2024. Disponível em:
https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272024000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 04 set. 2025.

NUNES, André P.; MORATO, Henriette T. P. **O estágio de atendimento nos anos iniciais:** experiência com plantão psicológico. 2020. Disponível em:
https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672020000100002. Acesso em: 08 set. 2025.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Histórico da emergência internacional da COVID-19**. OPAS. Disponível em:
<https://www.paho.org/pt/historico-da-emergencia-internacional-covid-19#:~:text=Em%2011%20de%20mar%C3%A7o%20de,%20referente%20%C3%A0%20COVID%2D19>. Acesso em: 13 out. 2025.

ORTOLAN, Maria Lúcia Mantovanelli; SEI, Maira Bonafé. **Plantão psicológico on-line:** a experiência da clínica psicológica da uel no contexto da covid-19. 2021. Disponível em:
<https://cdn.publisher.gn1.link/rbp.celg.org.br/pdf/v23n3a04.pdf>. Acesso em: 05 set. 2025.

OUVIR. In: DICIONÁRIO da língua portuguesa. Lisboa: Priberam Informática, 1998. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/ouvir>. Acesso em: 24 mai. 2025.

ROCHA, Ana Maria Campos da *et al.* **Uma canoa na tempestade**: o acolhimento psicológico emergencial na pandemia da covid-19. 2021. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912021000200009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 14 set. 2025.

ROCHA, Maria Cristina. Tempos idos, tempos vividos, tempos marcados. In: TASSINARI, Marcia; DURANGE, Wagner. **Plantão e a clínica da urgência psicológica**. Curitiba: Crv, 2019. Cap. 3. p. 61-74.

ROGERS, Carl. R.; KINGET, G Marian. **Psicoterapia e relações humanas**: teoria e prática da terapia não-diretiva. Belo Horizonte: Interlivros, 1977.

ROGERS, Carl. R. **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ROGERS, Carl. R. **Um jeito de ser**. São Paulo. EPU. 1983.

SANTOS, Gustavo Alvarenga Oliveira; CASARINI, Karin Aparecida; DIAS, Fabiana Carolina de Souza Carvalho. **Plantão da acolhida**: um dispositivo de acolhimento ao outro. 2024. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rnufen/v16/2175-2591-rnufen-16-e254131.pdf>. Acesso em: 04 set. 2025.

SENADO FEDERAL (BRASIL). **Coronavírus**. Brasília, DF, s.d. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/estilos/coronavirus>. Acesso em: 20 out. 2025.

SLIVE, Arnold; BOBELE, Monte. **Walk-in counselling services**: making the most of one hour. 2012. Disponível em: https://www.cambridge.org/core/journals/australian-and-new-zealand-journal-of-family-therapy/article/abs/walkin-counselling-services-making-the-most-of-one-hour/29F23AACCC0594F82BEAF48E4938A5BAC?utm_source=chatgpt.com#access-block. Acesso em: 20 out. 2025.

SOARES, Luciana Loyola Madeira. **Plantão psicológico gestáltico**: a escrita de uma experiência. 2020. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1097173>. Acesso em: 14 set. 2025.

SOUZA, Sandra; Apresentação. In: SOUZA, Sandra; SILVA FILHO, Francisco Bento da; MONTENEGRO, Liana Aparecida de Andrade (org.). **Plantão psicológico**: ressignificando o humano na experiência da escuta e acolhimento. Curitiba: Crv, 2015. p. 6-9.

SOUZA, Sandra; FARIAS, Arethusa Eire Moreira de. Plantão psicológico: a urgência da acolhida. In: SOUZA, Sandra; SILVA FILHO, Francisco Bento da; MONTENEGRO, Liana Aparecida de Andrade (org.). **Plantão psicológico**: ressignificando o humano na experiência da escuta e acolhimento. Curitiba: Crv, 2015. Cap. 1. p. 15-32.

TASSINARI, Márcia. Apresentação. In: TASSINARI, Marcia Alves; CORDEIRO, Ana Paula da Silveira; DURANGE, Wagner Teixeira (org.). **Revisitando o plantão psicológico centrado na pessoa**. Curitiba: Crv, 2013. p. 5-15.

TASSINARI, Márcia; DURANGE, Wagner. Clínica da urgência psicológica: a radicalidade do encontro como processo de promoção da saúde. In: TASSINARI, Marcia; DURANGE, Wagner (org.). **Plantão e a clínica da urgência psicológica**. Curitiba: Crv, 2019. Cap. 2. p. 43-60.

TASSINARI, Márcia; DURANGE, Wagner. Plantão psicológico centrado na pessoa: um diálogo sobre teoria e prática. In: TASSINARI, Marcia; DURANGE, Wagner (org.). **Plantão e a clínica da urgência psicológica**. Curitiba: Crv, 2019. Cap. 1. p. 21-42.

TASSINARI, Márcia *et al.* Metaplantão: a riqueza da experiência formativa entre plantonistas. In: TASSINARI, Marcia; DURANGE, Wagner (org.). **Plantão e a clínica da urgência psicológica**. Curitiba: Crv, 2019. Cap. 9. p. 155-174.

VIEIRA, Érico Douglas; ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. **A clínica psicológica como um espaço de desvelamento das desigualdades sociais**. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/GYb4KBrSswgB3y3THj3cbnD/?lang=pt>. Acesso em: 04 set. 2025.

VIEIRA, Érico Douglas; ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. **Acolhimento psicológico com sujeitos marginalizados: tensões entre o tradicional e o instituinte**. 2019. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1007502>. Acesso em: 07 set. 2025.

VIEIRA, Érico Douglas. **Novas direções para o plantão psicológico: o psicodrama como referencial**. 2019. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1058027>. Acesso em: 14 set. 2025.

VIEIRA, Érico Douglas; SILVA, Fernanda Gonçalves da. **Plantão psicológico no referencial do psicodrama: encontro com subjetividades desviantes**. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psicodrama/a/vcwthpJXn6rRCWZ49FpLzFM/?lang=pt>. Acesso em: 14 set. 2025.

WECHSLER, Amanda Muglia. **Avaliação da Eficácia de um Plantão Psicológico em um Serviço-Escola**. 2024. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-093X2023000100215&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 14 set. 2025.


WRONA, Raquel. Uma história no plantão psicológico. In: TASSINARI, Marcia Alves; CORDEIRO, Ana Paula da Silveira; DURANGE, Wagner Teixeira (org.). **Revisitando o plantão psicológico centrado na pessoa**. Curitiba: Crv, 2013. Cap. 2. p. 51-59.

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA BANCA DE QUALIFICAÇÃO DO PROJETO
DE PESQUISA EM PSICOLOGIA**

Por este Termo de Acordo, a (o) professora(or)
FERNANDA GRAUPEL MÜLLER autoriza a(o) aluna (o)
JULIE MARIZITOMAS SNAEM, regularmente matriculada(o) no curso
de Psicologia da UNIDAVI, para sua apresentação de sua Pesquisa em Psicologia I, sobre o
seguinte tema:

A configuração do Plantão Psicológico como
Prática Psicoterapêutica

Rio do Sul, 29 de Outubro de 2025.


Orientadora(or)


Orientanda(o)